

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação
Curso de Biblioteconomia

Tatiana Cardoso Mayer

Ação Cultural em Bibliotecas:

**O caso na Biblioteca Ramal 1 – Restinga,
Porto Alegre, RS**

Porto Alegre

2004

Tatiana Cardoso Mayer

Ação Cultural em Bibliotecas:

**O caso na Biblioteca Ramal 1 – Restinga, Porto
Alegre, RS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a aprovação na disciplina BIB03037 - Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Dalla Zen

Porto Alegre

2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M468a Mayer, Tatiana Cardoso

Ação cultural em bibliotecas: o caso na Biblioteca Ramal 1 - Restinga, Porto Alegre, RS / Tatiana Cardoso Mayer ; orientadora Ana Maria Dalla Zen. – Porto Alegre: UFRGS; Departamento de Ciências da Informação, 2004. – Inclui apêndices e anexo. – Trabalho de Conclusão de Curso (graduação).

125 f.

1. Biblioteca Pública - Biblioteca Sucursal. 2. Cultura. 3. Comunidade. 4. Estudos de Comunidade. 5. Biblioteca Comunitária. 6. Ação Cultural. 7. Animação Cultural. 8. Agente Cultural. I. Dalla Zen, Ana Maria. II. Título.

CDU 027.4:316.73

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof.^a Ana Maria Dalla Zen pela orientação prestada neste estudo, bem como seu apoio e experiência, que foram de suma importância para ele tornar-se possível.

Aos professores do Curso de Biblioteconomia, Ana Moura e Eliane Moro, por aceitarem o convite para a composição da Banca Examinadora.

Aos profissionais da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e à bibliotecária da Biblioteca Ramal 1 – Restinga, Marta Lemos Martins, por permitirem essa pesquisa e pela boa vontade no período de coleta de dados.

Aos meus colegas de faculdade, pelo auxílio nos momentos difíceis, em especial Andréa Campello Beneduzi por ter escaneado as imagens desse trabalho.

Aos meus amigos pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

À minha família, em especial aos meus pais, José Amandio Mayer e Nanci Cardoso Mayer, pelo incentivo ao estudo desde a infância e pelo apoio total nas minhas realizações de vida.

*A vida é realmente escuridão, exceto quando há um impulso.
E todo impulso é cego, exceto quando há saber.
E todo o saber é vazio, exceto quando há trabalho.
E todo trabalho é vazio, exceto quando há amor.*

Gibran Khalil Gibran

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as bibliotecas públicas como um espaço cultural. Observa as necessidades de informação, cultura, lazer e educação de uma comunidade periférica, que se constitui na comunidade atendida pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga, vinculada à Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães. Inclui uma revisão de literatura em torno dos conceitos de ação cultural, estudos de comunidade e especificamente funções e características de bibliotecas públicas. Tece uma breve análise em torno de temas de ação e animação, bem como das alternativas possíveis de realização de atividades culturais em bibliotecas. Constitui-se num estudo de caso, realizado sob a abordagem de pesquisa qualitativa, restrito ao contexto da Biblioteca Ramal 1 – Restinga e de sua comunidade. Apresenta depoimentos dos atores sociais envolvidos no processo, incluindo a ex-diretora e diretor da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, bem como a bibliotecária dessa biblioteca ramal, e inclui a manifestação de sete usuários a respeito das atividades culturais oferecidas pela Instituição. Avalia a atuação da biblioteca e conclui que o foco central das ações culturais realizadas se constitui na formação de leitores, tendo como temática central a Literatura. Conclui ao sugerir atividades de ação cultural possíveis de serem implementadas para aquela comunidade.

Palavras-Chave: Biblioteca Pública. Estudos de Comunidade. Ação Cultural.

ABSTRACT

This search objectives to analyzing the public libraries like an arts center. It remarks information, culture, leisure and educacion needs at poor district/small town community of city, that constitutes in a community dealing by Branch 1 – Restinga Library, linked to Josué Guimarães Municipal Public Library. Including a literature review about concepts of cultural action, community studies and specific functions and characteristics of public libraries. It makes a brief analyse around the cultural action and cultural liveliness subjects, as well as possibilities alternatives to work with cultural activities in libraries. It consists in a case study, which uses qualitative search, restricted by the context of Branch 1 – Restinga Library and its community. It introduces speeches of social characters envolved at this subject, including ex-principal and principal of Josué Guimarães Municipal Public Library, as well as the librarian of its branch library and contains demonstration of seven users about the cultural activities offered by the organization. The search evaluates the work of this public library and concludes that main angle of cultural action constitutes to make readers, using Literature like central subject. It concludes to suggest possible cultural action activities to be work for that community.

Key Words: Public Library. Community Studies. Cultural Action.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Biblioteca Ramal 1 – Restinga em 2002 (Sala Antiga).....	62
FIGURA 2 – Biblioteca Ramal 1 – Restinga (Atual).....	63
FIGURA 3 – Mapa de Porto Alegre (Bairro Restinga em Destaque)	65
FIGURA 4 – Feira de Troca de Livros de Porto Alegre (2003).....	76
FIGURA 5 – Contação de Histórias Realizada pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga.....	80
FIGURA 6 – Poesia e Ilustração de Liege de Matos.....	85
FIGURA 7 – Desenho sobre Paz.....	85
FIGURA 8 – Ilustração sobre a Semana da Consciência Negra por Marcos Pereira.....	86
FIGURA 9 – Desenho da Personagem Magali (Gibi) de Juliana Dornelles....	86
FIGURA 10 – Desenho de um Personagem de Literatura Infantil por Rogério	87
FIGURA 11 – Criação de uma Mini-História em Quadrinhos por Leonardo.....	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Definição do Problema.....	13
1.2 Objetivos.....	14
1.2.1 Geral.....	14
1.2.2 Específicos.....	14
2 CONCEITOS BÁSICOS: CULTURA, COMUNIDADE E ESTUDOS DE COMUNIDADE.....	16
2.1 Cultura, a Arqueologia de um Conceito.....	16
2.2 O Conceito de Comunidade.....	20
2.3 A Contribuição dos Estudos de Comunidades para as Bibliotecas Públicas.....	23
3 BIBLIOTECAS PÚBLICAS E AÇÃO CULTURAL: UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA.....	27
3.1 Da Biblioteca Comunitária à Pública: características e diferenças.....	31
3.2 A Função Sócio-Cultural e a Ação Cultural em Bibliotecas Públicas.....	35
3.3 Atividades Culturais em Bibliotecas: tipologia e práticas.....	41
3.3.1 A Hora do Conto como Instrumento de Ação Cultural.....	44
3.3.2 O Teatro como Instrumento de Ação Cultural.....	48
3.3.3 A Literatura Oral como Opção Inovadora de Ação Cultural.....	50
3.3.4 As Palestras como Instrumentos de Ação Cultural.....	51
3.3.5 As Exposições como Estratégias de Ação Cultural.....	52
3.3.6 Os Cursos em Relação à Ação Cultural.....	54
3.3.7 Os Concursos como Instrumentos de Ação Cultural.....	54
3.3.8 As Apresentações Culturais em Relação à Ação Cultural.....	55
3.3.9 A Criação de Clubes de Leitura como Estratégias de Ação Cultural.....	56
3.4 A Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães.....	59
3.5 A Biblioteca Ramal 1 – Restinga.....	62
3.6 O Bairro Restinga.....	65
4 METODOLOGIA.....	71
4.1 Modelo de Pesquisa.....	71
4.2 Sujeitos da Pesquisa.....	72
4.3 Instrumentos de Coleta dos Dados.....	73
4.4 Análise e Apresentação dos Dados.....	74
4.4.1 Atividades Culturais Realizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga.....	75
4.4.2 Entrevista com Berenice Gonzales e Baiard Brocker.....	88
4.4.3 Entrevista com Marta Lemos Martins.....	94
4.4.4 Entrevista com Usuários da Biblioteca Ramal 1 – Restinga.....	97

continua

continuado

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	102
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com a Ex-Diretora da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães.....	114
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com o Diretor da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães.....	116
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com a Bibliotecária da Biblioteca Ramal 1 – Restinga.....	117
APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com os Usuários da Biblioteca Ramal 1 – Restinga.....	118
ANEXO – Calendário Cultural.....	120

1 INTRODUÇÃO

A literatura da área de Biblioteconomia traz a seguinte tipologia de bibliotecas: bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas, bibliotecas especiais e bibliotecas comunitárias. A respeito da primeira, existem diversos estudos sobre os seus propósitos. É comum abordar essas pesquisas enfocando a realidade das bibliotecas públicas centrais. Ainda assim, as denominadas bibliotecas públicas de bairro possuem algumas características diferenciadas, em especial, por algumas atuarem em locais periféricos (ou seja, à comunidade de classe social baixa) de um município.

Elas costumam ser confundidas na literatura como se fossem bibliotecas comunitárias. Esse tipo de biblioteca, principalmente por ter surgido muito recentemente no Brasil, carece a consolidação de seus propósitos em todas as poucas publicações existentes sobre esse tipo. A biblioteca comunitária consiste no espaço alternativo de prestação de serviços de informação, voltado geralmente à comunidade dos bairros/vilas periféricos. Assim como a biblioteca pública, ela abrange o público de diferentes faixas etárias, sendo que predominam a freqüência de crianças e jovens, principalmente em função da demanda escolar.

Às vezes, o simples atendimento às necessidades de informação dos usuários não é um fator de motivação para que eles continuem freqüentando a biblioteca. É necessário que a equipe da instituição seja ativa, tornando o ambiente agradável à comunidade.

As atividades culturais, como hora do conto, debates, exposições e outras são recursos que a biblioteca pública costuma utilizar. Elas proporcionam a

integração social da comunidade inserida, além de estimulá-la ao hábito de leitura e pesquisa, enriquecendo-a culturalmente de forma prazerosa e sem cobrança de compromisso.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas pelas bibliotecas públicas (falta de recursos humanos, materiais e financeiros), a maioria delas possuem a consciência de que é importante disseminar a cultura, colaborando no enriquecimento do saber da comunidade em questão. Assim, realizam diversas atividades culturais, decorrentes dessa necessidade, o que está comprovado em diversos estudos.

O bibliotecário tem a competência de trabalho em um espaço cultural tradicional denominado biblioteca. É comum atuar apenas nas rotinas de Processamento Técnico, Referência e Gestão, desconsiderando que pode planejar e executar atividades culturais, tornando-se um agente cultural. Além da possibilidade de monitorar uma atividade, o bibliotecário poderá também contar com a ajuda de profissionais especialistas de outras áreas do conhecimento vinculados à biblioteca e até com voluntários da comunidade no ensino, planejamento e execução de qualquer ação.

A divulgação sobre uma biblioteca pública de bairro continua sendo muito restrita à comunidade onde ela pertence, raramente vincula-se qualquer notícia/nota em meios de comunicação de grande alcance de uma cidade. Tendo prévio conhecimento da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, que criou uma biblioteca ramal no bairro Restinga, em Porto Alegre - RS, a autora escolheu-a para aprofundar o assunto, com o relato das experiências em promoção de atividades culturais.

A Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães pertence à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a qual participa da iniciativa de descentralização de seu acervo. Pretende criar bibliotecas ramais em 16 regiões do Orçamento Participativo, sendo consideradas bibliotecas públicas de bairro/vila. Por enquanto, existe a Biblioteca Ramal 1 – Restinga, que executa atividades culturais, atendendo a uma comunidade em geral carente.

A pesquisa procura contribuir significativamente para o avanço da área de Biblioteconomia no que diz respeito à questão teórica e prática sobre bibliotecas públicas e ação cultural. Aponta as características e diferenças entre esse tipo de biblioteca e bibliotecas comunitárias, esclarecendo essa questão ainda pouco trabalhada na literatura biblioteconômica. É importante que os profissionais da informação estejam sensibilizados em relação à realidade das bibliotecas públicas e bibliotecas comunitárias voltadas às regiões periféricas. A comunidade possui o direito ao acesso à informação e, por conseqüência, à participação em atividades culturais.

Espera-se, com isso, colaborar de algum modo para o avanço cultural do bairro Restinga por meio desse trabalho, ressaltando os benefícios das atividades culturais para a comunidade e acrescentando um breve relato sobre as características do agrupamento social baseadas nas poucas fontes disponíveis. Pretende-se mostrar, nesta pesquisa, a importância do bibliotecário como profissional responsável pela inclusão social da comunidade usuária de uma biblioteca pública de bairro.

Através da experiência da Biblioteca Ramal 1 – Restinga, a pesquisa tem como objetivo verificar se as atividades culturais realizadas atendem aos objetivos estabelecidos na literatura. Foram coletados os dados relativos aos

projetos das atividades e por meio de entrevistas, feitas à ex-diretora da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães (atual coordenadora da Coordenação do Livro e Literatura), ao diretor dessa biblioteca, à bibliotecária que atua na Biblioteca Ramal 1 - Restinga e a uma amostra de usuários que participaram das atividades culturais. Consiste em um estudo de caso.

Desse modo, esta monografia inclui a contextualização da pesquisa, para em seguida conectá-la com o referencial teórico disponível em torno do tema. A seguir, detalha o caminho metodológico utilizado, para posteriormente, apresentar e interpretar os dados obtidos através da pesquisa. Finalmente, tece as conclusões mais significativas extraídas da investigação, bem como sugere algumas recomendações para a instituição. Assim, pretende estar contribuindo para a área temática a que se refere, ou seja, para uma melhor compreensão do significado e da atuação das bibliotecas públicas de bairros periféricos enquanto mecanismos de inclusão sócio-cultural dos grupos a elas vinculados.

1.1 Definição do Problema

A pesquisa pretende verificar a seguinte questão: de que forma estão sendo desenvolvidas as atividades culturais em uma biblioteca pública de bairro, com a finalidade de dinamizá-la, dentro do contexto da Biblioteca Ramal 1 – Restinga?

1.2 Objetivos

Para efeito desta investigação, são definidos os objetivos a seguir.

1.2.1 Geral

Identificar as atividades culturais realizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga, ressaltando a importância da instituição como um espaço de incentivo à cultura.

1.2.2 Específicos

O trabalho delimitará os seguintes objetivos:

- a) verificar se o bibliotecário atua como agente cultural numa biblioteca pública de bairro, no caso da Biblioteca Ramal 1 – Restinga;
- b) observar o interesse da comunidade em participar das atividades culturais oferecidas por essa Instituição;

- c) descrever as experiências da biblioteca, nesse tipo de atividade, de forma crítica;
- d) analisar se realmente a instituição realiza ação cultural ou apenas animação cultural;
- e) avaliar os objetivos que direcionam as atividades culturais da Biblioteca Ramal 1 – Restinga;
- f) propor alternativas de atividades culturais para essa biblioteca, de acordo com as suas características e possibilidades.

2 CONCEITOS BÁSICOS: CULTURA, COMUNIDADE E ESTUDOS DE COMUNIDADE

Para que se possa compreender a atuação das bibliotecas públicas de bairro e os princípios de ação cultural, apresenta-se uma conceituação básica de cultura (objeto da ação cultural), comunidade (usuários da biblioteca pública) e estudos de comunidade (voltado para as necessidades da comunidade).

2.1 Cultura, a Arqueologia de um Conceito

O significado de cultura sofreu modificações ao longo da História. Trata-se de uma palavra de origem latina, com o sentido de cuidar e tratar. Na Antiguidade Clássica, com a prática da agricultura, associou-se o termo ao cuidado da terra e plantação. Mais tarde, no século XVIII, a Alemanha atribuiu o termo *kultur* como o aperfeiçoamento, refinamento e enobrecimento das forças espirituais do homem. Isso denota um sentido discriminatório e preconceituoso entre classes sociais e entre sociedades, fato que mascara a dominação da elite de uma sociedade sobre as camadas sociais mais baixas, já que a primeira possui maiores condições de se elevar culturalmente. Com o aparecimento dos estudos sociológicos e antropológicos no século XIX, modificou-se o significado, aceito por diversos teóricos da área até hoje. (LOPES, 1998).

O homem não vive sozinho. Ao contrário, está inserido num ambiente complexo onde convive e interage com os seus semelhantes. É necessário, para a sua sobrevivência, satisfazer as suas necessidades e desejos de diversas ordens através da criação. Para manter-se, ele cria tecnologias, fazeres e saberes, ora sozinho, ora em grupos. Ávila (1981) exemplifica as inúmeras criações humanas: sistemas de símbolos orais e escritos, instrumentos, habitações, cidades, meios de transporte, código de leis, instituições, obras de arte, entre outros. O conjunto dessas criações, ressalta Ávila (Op. cit.), é o que se denomina de cultura.

As necessidades humanas podem ser de ordem psíquica, biológica e social e, nesse sentido, Koenig (1988, p. 59) sintetiza cultura como a “[. . .] soma total dos esforços do homem para ajustar-se a seu ambiente e melhorar suas maneiras de viver”. Assim, cultura é um fenômeno social de origem individual ou coletiva, que enriquece o modo de vida de uma comunidade, desde que haja interação entre os membros.

Outro conceito de cultura, mais abrangente é de Carvalho (1939, p. 101), a saber: “É um complexo de conhecimentos, de costumes, de instituições e de objetos artificiais que fazem parte da vida do grupo”. Complementando, Anderson e Parker (1977) afirmam que esse complexo consiste em tudo o que o homem pensa, faz e possui. Isso demonstra que o ser humano é o único animal que possui e produz cultura, manifestando-se em diferentes ações e bens culturais.

A cultura, conforme diversos sociólogos, possui aspectos materiais e não materiais. Os aspectos materiais são objetos concretos (ferramentas, habitação, vestuário, livros, obras de arte, invenções, meios de transporte, meios de comunicação, entre outros). Já os aspectos não materiais constituem-se de idéias; conceitos e técnicas que ajudam a criar objetos concretos; formas de pensar e agir;

valores; crenças; áreas de conhecimento, como Ciências, Línguas, Literatura, Artes, Filosofia e Religião e outros (KOENIG, 1988; GOMES, 1982; ÁVILA, 1981).

Existem algumas características de cultura. Uma delas refere-se ao seu caráter cumulativo. A comunidade está sempre condicionada a uma evolução social e cultural. O homem cria cultura, a transmite a seu grupo, que por sua vez aprende e irá transmiti-la às novas gerações, assim como o homem. Desde o início dos tempos até a atualidade, o homem manifesta a sua cultura. Existe, portanto, a herança cultural. Embora se possa perder alguns traços culturais através dos séculos, é possível o resgate da criação dos antepassados, sendo um ponto de partida para a evolução social e cultural.

Outra característica cultural é estar condicionada a receber influência das criações, mecanismos e elementos culturais de outras sociedades. O homem, atento com o que é produzido e manifestado no mundo pode enriquecê-la. Ainda é comum a inovação de algum bem cultural, partindo do que já existe e aprimorando (como, por exemplo, televisor com tela plana).

Para sua popularização a cultura é passível de difusão através dos meios de comunicação (jornais, revistas, redes de rádio e televisão), permitindo ao homem um certo aprendizado. O ideal é o indivíduo não limitar o aprendizado através dos instrumentos tradicionais de difusão cultural (escolas, cursos, dentre outros) e buscar algo inovador em si mesmo, tendo liberdade criadora. Isso já consiste em uma forma de evolução cultural, mesmo que em forma individual.

Carvalho (1939) ressalta que uma cultura é única, podendo apresentar semelhança com outra, mas não identidade. Assim, está condicionada à evolução cultural. Desse modo, a cultura constitui a identidade de sua comunidade. É

importante que os membros interajam entre si, aprimorando-a. Muitas pessoas vivem da cultura para sobreviverem, criando geralmente bens culturais.

Em relação à cultura brasileira, Lopes (1998) e Chauí et al. (1985) mostram três tipos de cultura: de massa, popular e erudita. A cultura de massa é a que atinge grande parte da população através da constante difusão dos meios de comunicação. A cultura popular é entendida pela concepção imposta pelo Governo Federal nas décadas de sessenta e setenta, em plena ditadura, que fazia uma distinção entre aqueles elementos originários do cotidiano da vida comunitária como o artesanato e o folclore. E a cultura erudita, que incluía as manifestações ao alcance da elite ou pessoa com grande refinamento cultural, geralmente difundida em alguns meios de comunicação mais especializados ou alternativos. Independente de sua evolução e qualidade, os três tipos são fundamentais na identidade cultural brasileira.

Nessa perspectiva, a biblioteca se identifica como uma importante instituição cultural, já que é a depositária e a disseminadora dos valores, elementos, idéias que definem as diferentes identidades culturais da humanidade que, em sua polifonia, representam a construção da aventura humana no planeta. Assim, a preocupação com as bibliotecas deve fazer parte de qualquer política pública que se envolva realmente com a cultura, seja ela erudita, popular, massiva ou quaisquer outros significados que se possa atribuir a esse complexo conceito. Ao se referir a isso, Gomes (1982, p. 15) sintetiza a sua contribuição para a preservação das construções culturais individuais ou coletivas, ao afirmar que:

A biblioteca como criação social reflete a cultura que a gerou e, por sua vez, atua sobre a cultura à medida que, veiculando seus valores,

crenças e padrões comportamentais, contribui para a preservação e difusão da herança cultural.

Assim, a biblioteca, por seu caráter comunitário, permite a reunião, conservação e difusão da cultura de uma determinada comunidade. A criação e a evolução de seus serviços depende da forma como se desenvolve a cultura de um agrupamento social. Desse modo, as práticas culturais requerem a intervenção da ação humana ora preservando os valores instituídos, ora substituindo-os por novas e inovadoras práticas. E, em decorrência, se mantém um processo dinâmico de ação cultural nas comunidades.

Seja a biblioteca escolar, especializada ou de qualquer outro tipo, sempre poderá se envolver na dimensão cultural que representa. Mas, no caso específico das bibliotecas públicas e bibliotecas comunitárias, estas sim, foram criadas e têm seus objetivos concretamente voltados para a criação, preservação e divulgação da cultura. Em suas práticas diárias, portanto, deve incluir um espaço privilegiado para a ação cultural.

2.2 O Conceito de Comunidade

Sendo o foco de atuação da biblioteca pública a sua própria comunidade, é necessário entender a sua definição. Até hoje, diversos teóricos da área de Sociologia não chegaram ao consenso do que realmente entende-se por comunidade (RECUERO, 2001).

As primeiras comunidades surgiram através dos grupos de trabalho humanos, que garantia a cada indivíduo sua própria sobrevivência e reprodução. Os agrupamentos humanos que compunham a comunidade foram se tornando cada vez maiores com o passar do tempo, constituindo-se em bairros, vilas, cidades e até nação.

Na concepção clássica, Weber (1987)¹ apud Recuero (2001) afirma que o conceito de comunidade baseia-se na orientação da ação social. A comunidade funda-se em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional entre os participantes. O resultado dessas ligações traz um sentido de solidariedade na relação social. Com a mesma idéia de Max Weber, Koenig (1988) comenta que comunidades ou grupos primários são formações sociais de caráter emocional, em que cada indivíduo considera o outro como um fim em si mesmo. Os sentimentos são considerados um fator primordial para o grupo, resultado da convivência das pessoas que dele fazem parte, como uma família, um grupo de amigos ou uma nação, por exemplo.

Além dos sentimentos, a comunidade possui outros elementos: coesão social (participação), como a luta para a solução dos problemas para a realização do bem-comum por exemplo; base territorial comum; compartilhamento de recursos e serviços; interesses comuns (SUAIDEN, 1995; DUCKWORTH ET AL., 1991). Nenhuma característica pode formar sozinha a idéia de comunidade e sim a soma de todas elas.

O bairro é um bom exemplo de comunidade. Conforme Stumpf (1988, p. 18), consiste em “[. . .] uma unidade geográfica distinta que vai se configurando com o passar do tempo”. Seus habitantes formam uma unidade social na divisão da

¹ WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987 apud RECUERO, 2001, p. 129.

cidade, com interesses comuns e bem-estar social, cujos membros têm consciência de a ele pertencer por ocupar um território determinado, no qual se inter-relacionam por utilizarem os mesmos serviços e recursos. A autora ainda destaca que o resultado da aproximação das pessoas do bairro pode tornar as características da habitação mais ou menos semelhantes. Isso se percebe em relação à predominância ou não de comércios, instituições, condomínios, casas, entre outros.

Prosseguindo, ela afirma que os agrupamentos sociais (bairros, vilas) que constituem as cidades, podem ter surgido de modo espontâneo ou forçado. É comum no Brasil que as grandes cidades possuam bairros que foram constituídos pela união de outros bairros ou vilas próximas ou distantes dos bairros originais, seja por intervenção política, por vontade dessas comunidades ou até por ambos os fatores. Isso mostra que é possível a relação da comunidade com outros agrupamentos sociais.

A comunidade, portanto, “[. . .] é uma unidade social e como tal é dinâmica e variável.” (SCHARDONG, 2004). Dependendo dos fatores sociais, econômicos, culturais e ainda da convivência entre as pessoas da comunidade ou até entre outras comunidades, pode conduzir tanto a evolução quanto à estagnação desse grupo. Quanto maior a preparação da comunidade para enfrentar mudanças e a interação entre os seus participantes, maior será o seu estágio de desenvolvimento.

As instituições da comunidade, como a escola, a igreja, o centro comunitário e a associação do bairro, são utilizadas por seus membros para a satisfação de suas necessidades. No caso da biblioteca, exemplo de instituição, tem como papel fundamental o de satisfazer as necessidades informacionais da comunidade.

2.3 A Contribuição dos Estudos de Comunidade para as Bibliotecas Públicas

Os estudos de comunidade surgiram nos Estados Unidos no início do século XX, enquanto os sociólogos brasileiros desenvolveram os primeiros estudos de comunidade no final da década de 40. Nogueira ² (1955 apud CONSORTE, 1996, p. 55) afirma que a intenção desses estudos era demonstrar um quadro realista da vida da população mais periférica, trazendo “[. . .] o seu lado dramático e humano, seus problemas e dificuldades, suas condições reais e suas aspirações, seus recursos e sua experiência”. As primeiras investigações sobre a comunidade no Brasil analisaram as tendências para a urbanização, como resultado da transição diante dos progressos industriais, além de mostrar o modo de vida dos cidadãos.

O conhecimento da realidade da comunidade é a essência de qualquer estudo de comunidade. Stumpf (1988, p. 18) conceitua estudos de comunidade como “[. . .] investigações que se fazem para conhecer aspectos de uma população, seus hábitos e interesses”. É um estudo sociológico que permite a análise de variáveis econômicas, culturais e educacionais.

Os principais aspectos estudados geralmente são: históricos, demográficos, geográficos, educacionais, políticos, culturais, sócio-econômicos, institucionais, de transportes e informacionais. Devem ser analisados nesse contexto os recursos, problemas e necessidades da comunidade.

A utilidade dos estudos de comunidade consiste em uma fonte segura para a criação de novas instituições e novos serviços das organizações já

² NOGUEIRA, Oracy. Os Estudos de Comunidade no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 3, n. 22, p. 99 apud CONSORTE, 1996, p. 55.

existentes. Assim, segundo a autora, a instituição age com conhecimento de causa, garantindo a plena utilização de seus serviços pela comunidade.

Geralmente o trabalho envolve um grupo de carácter informal e transitório, contendo profissionais de diversas áreas do conhecimento. Trata-se de um estudo científico que possui diferentes abordagens metodológicas (DUCKWORTH ET AL., 1991). Brasil (2000) apresenta os seguintes métodos que poderão orientar os estudos de comunidade:

- a) coleta de dados de modo indireto: através da documentação já existente (monografias, relatórios, dados estatísticos);
- b) coleta de dados de modo direto: através de observação direta de algum aspecto da vida da comunidade, aplicação de entrevistas com pessoas da comunidade, elaboração da pesquisa;
- c) combinação dos dois métodos anteriores: complementa-se dados de modo indireto com dados de modo direto, através do confronto da teoria com a prática.

Na área de Biblioteconomia, os estudos de comunidade surgiram muito recentemente (década de 70), de acordo com Suaiden (2000). No Brasil existem poucos estudos, ao contrário dos Estados Unidos. Grande parte dos trabalhos produzidos por pesquisadores brasileiros voltam-se para a tentativa de proporcionar subsídios para a criação de uma biblioteca pública numa determinada comunidade.

O estudo de comunidade permite que o bibliotecário participante da equipe de pesquisa conheça a comunidade a ser atendida pela futura biblioteca, seja pública ou comunitária, sendo um subsídio para o planejamento dessas instituições. Para Suaiden (1995, p. 12), o estudo é fundamental para o planejamento de bibliotecas, precedendo “[. . .] a construção do prédio, a aquisição do mobiliário e equipamento, a seleção do acervo e até mesmo a contratação de recursos humanos”. Mesmo que a biblioteca exista, o trabalho permite que o profissional da informação desenvolva serviços que realmente atendam às necessidades informacionais da comunidade, contribuindo para a solução de seus problemas.

O estudo de comunidade permite verificar se há interesse ou não da população em freqüentar essa biblioteca, usando as técnicas de pesquisa, em especial a entrevista. Por atender a um público heterogêneo, nenhuma faixa etária deve ser desprezada no momento do planejamento de serviços de informação. O compromisso de qualquer biblioteca é procurar satisfazer da melhor forma possível as necessidades de informação dos usuários, sejam potenciais (os que não freqüentam a biblioteca por alguma razão) ou reais (os que freqüentam).

É importante que qualquer tipo de biblioteca proporcione a integração e o desenvolvimento da comunidade. A população deve colaborar para que a mesma seja um espaço útil e agradável, onde se pode ter acesso à informação, ajudando as pessoas a se elevarem culturalmente e amenizando, de certa forma, os problemas sócio-econômicos comuns em qualquer região periférica.

Na literatura biblioteconômica, é comum tratar o estudo de comunidade da mesma forma que o estudo de usuário. Embora possua certas semelhanças (estudo das necessidades de informação e questionamento sobre os serviços que

são ou podem ser oferecidos), Duckworth et al. (1991) afirmam que o estudo de usuário é subsídio importante para o estudo de comunidade. É perceptível que ele é mais abrangente e complexo, pois contempla geralmente breves levantamentos sobre o perfil do usuário e suas necessidades. As autoras esclarecem que o estudo de comunidade propõe a integração da comunidade com a biblioteca, tendo essa identidade, expressando o fazer e o querer dos moradores onde está inserida.

Portanto, esse estudo é um instrumento valioso para o planejamento de serviços e atividades de uma biblioteca pública, dentre elas ação e animação cultural.

3 BIBLIOTECAS PÚBLICAS E AÇÃO CULTURAL: UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA

Dentro da tipologia atribuída na literatura biblioteconômica existem as bibliotecas públicas. O seu surgimento, conforme Sponholz (1984), estaria relacionado com algumas bibliotecas na era pré-cristã. Eram consideradas públicas enquanto opostas às bibliotecas particulares para uso exclusivo de seus proprietários. As antigas bibliotecas públicas, além de atender a seus fundadores, serviam também a estudiosos e sacerdotes. Entre os séculos XV e XIX, surgiram as bibliotecas municipais na Inglaterra, Escócia, França e Alemanha. Elas foram criadas por indivíduos ou por contribuição pública de seu acervo e, depois, confiadas à administração municipal. A moderna biblioteca pública foi criada na Inglaterra como consequência da Revolução Industrial, no final do século XIX, segundo Brasil (2000). Havia a cobrança de imposto obrigatório destinado à criação e manutenção das bibliotecas públicas. No Brasil, a primeira biblioteca pública a nível estadual que surgiu, em 1811, está localizada na cidade de Salvador (BA). A criação teve a iniciativa de sua comunidade.

Como o nome indica, a biblioteca pública atende às quaisquer tipos de públicos. Sejam estudantes, donas de casa, profissionais, cidadãos em geral, a instituição não restringe à sua comunidade. No mesmo sentido, abrange diferentes faixas etárias, da criança até a terceira idade. Não deve considerar quaisquer condições sócio-econômicas, sexo, raça e crença, atendendo aos seus usuários em suas necessidades informacionais.

Para isso, conta com um acervo que procura contemplar todos os assuntos demandados pela comunidade, de acordo com o seu perfil. Além das necessidades informacionais, a biblioteca pública objetiva atender às necessidades educacionais, culturais e de lazer. Assim, pode oferecer diversos serviços nesse sentido.

No Brasil, “[. . .] o apoio à educação é ainda uma das prioridades da ação da biblioteca pública, não somente com a educação formal, mas principalmente, no processo de educação continuada”. (BRASIL, 2000, p. 23). Também considera-se uma instituição que permite a aprendizagem, estimulando a pesquisa.

Suaiden (1995) afirma que a biblioteca pública é fundamental para formar leitores. Na verdade, a formação do hábito da leitura é de fundamental importância para qualquer tipo de biblioteca. Os livros de Literatura trabalham com o imaginário dos leitores e com o uso correto da Língua Portuguesa, sendo um suporte essencial a ser constituído por qualquer Unidade de Informação. O livro não deve ser o único bem cultural a constituir o acervo de biblioteca. Independente das condições sócio-econômicas de uma comunidade, o livro deve ser acessível a todos e é um direito individual do cidadão a prática de leitura.

Além disso, é possível trabalhar-se com a cultura e o lazer através da realização de atividades culturais junto com a comunidade atendida pela biblioteca pública. Uma das formas de desenvolvê-las em qualquer instituição é por intermédio da ação cultural.

A ação cultural, de acordo com Sperry (1987), já era trabalhada em países como a França e os Estados Unidos aproximadamente no início do século XX, cujos estudos teóricos provavelmente iniciaram-se na década de 60, aplicados

às instituições voltadas para a cultura (museus, bibliotecas, centros culturais). No Brasil, foi consagrado o termo a partir da década de 70, com trabalhos especializados na área de Educação, Artes e Sociologia. A Biblioteconomia iniciou esse estudo somente no começo da década de 80.

Partindo do pressuposto do termo, seria a atuação das pessoas em relação à cultura através do “fazer” cultural, produzindo bens culturais ou manifestações culturais abstratas. No sentido de produção, Jeanson (1973) apud Coelho Neto (1986, p. 13)³ aponta que sua finalidade é “[. . .] fornecer às pessoas o máximo dos meios para a invenção conjunta de seus próprios fins”. Desse modo, Coelho Neto (1989) complementa a definição, consistindo na criação de oportunidades que possibilitem emergência de auto-expressão e compreensão crítica do mundo, usando as capacidades pessoais no mais alto grau possível. Em nível individual, ela se volta para o desenvolvimento da auto-consciência e da criatividade, enquanto no plano social, envolve-se com programas de integração social e com ideais de transformação.

Para Freire (1979), ela é ação transformadora de uma comunidade, tendo finalidades previamente determinadas e passíveis de alcançar resultados através do pensar crítico das pessoas. Assim, não é um ato mecânico. Envolve o trabalho do agente cultural ou ativista cultural (planejamento e organização das atividades culturais), do monitor (ministrante das atividades culturais) e dos aprendizes (criação cultural), formando sujeitos no processo.

Do ponto de vista pedagógico, a ação cultural contém atividades culturais que permitem uma educação informal dos sujeitos. Todos eles aprendem nesse processo. Normalmente faz parte de uma política cultural de uma instituição,

³ JEANSON, Francis. **L' action culturelle dans la cité**. Paris: Seuil, 1973 apud COELHO NETO, José Teixeira, 1986, p. 13.

podendo ser realizadas dentro ou fora do espaço físico da mesma (ALMEIDA, 1987). Oportuniza a realização de atividades culturais a partir de diversos temas em relação às áreas do conhecimento (Artes Plásticas, História, Literatura, Ciências, entre outros). Portanto, possui uma dimensão ampla de possibilidades.

Milanesi (2002) afirma que a ação cultural, do ponto de vista biblioteconômico, permite que os usuários da biblioteca (sujeitos) obtenham informação, da mesma forma que obteriam através do acervo formal em uma biblioteca. Trabalhando com a criação e a criatividade, os sujeitos produzem conhecimento. Ainda assim, o autor mostra que essa prática é raramente associada a uma biblioteca. Apesar disso, existe todo um trabalho de ação cultural realizada em bibliotecas públicas, escolares e comunitárias no Brasil, desde a década de 80, que deveriam melhorar a sua divulgação, atingindo à comunidade biblioteconômica e aos usuários dessas instituições.

Em relação às bibliotecas públicas de bairro, essa prática tem fundamental importância. Milanesi (1987) comenta que a ação cultural incentiva à produção cultural da comunidade, sobretudo a mais carente. Esse tipo de biblioteca, no Brasil, atua em ação cultural, como mostra a literatura da área. É fundamental que haja continuidade dos mesmos, beneficiando a comunidade. A falta de maior divulgação dos meios de comunicação sobre a ação cultural em bibliotecas públicas de bairro dificulta em parte a análise da questão.

3.1 Da Biblioteca Comunitária à Pública: características e diferenças

Dentro da tipologia atribuída na literatura biblioteconômica existem as bibliotecas comunitárias. A literatura ainda não apresentou uma definição consistente sobre elas. Uma tentativa nesse sentido explica a biblioteca comunitária “[. . .] como um recurso de recreação, cultura e educação de agrupamentos sociais de uma área geográfica específica” (STUMPF, 1988, p. 20). Isso consiste na síntese da relação comunidade com biblioteca. Seguindo a mesma idéia da autora, Sarti, Guiraldelli e Vicentini apud Almeida Júnior (1997, p. 98)⁴, descrevem os objetivos das bibliotecas comunitárias: “[. . .] atender a uma comunidade específica; desenvolver o hábito da leitura; conscientizar a população na participação comunitária na preservação de um bem público; tornar a biblioteca um fator integrante da comunidade”.

De acordo com Almeida Júnior (1997), o termo biblioteca comunitária surgiu no Brasil na década de 80, consistindo numa proposta de integração entre biblioteca pública e biblioteca escolar. Ferreira (1978) havia denominado essa integração de biblioteca conjunta comunitária. Mais tarde, esse termo caiu em desuso e essa proposta foi extinta. Houve um período na década de 80 que alguns bibliotecários denominavam bibliotecas populares às pequenas bibliotecas de bairro periférico, com atuação voltada ao desenvolvimento social de uma região. Terminou extinta provavelmente no final da década de 80. A idéia de atender à comunidade periférica prevaleceu, surgindo então, bibliotecas comunitárias.

⁴ SARTI, Rosa Maria; GUIRALDELLI, Imalda; VICENTINI, Luiz Atilio. PIMPLE: projetos de implantação de pontos de leitura – bibliotecas públicas e comunitárias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 3/4, p. 7-23, jul./dez. 1984 apud ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 98.

Esse tipo de biblioteca, lembra Stumpf (Op. cit.) é pouco conhecido no Brasil. A sua criação e gerenciamento é feita tanto a partir do Terceiro Setor (organizações não-governamentais – ONG'S) como pela iniciativa da comunidade, essa última mais comum. A implantação de seus serviços deve estar de acordo com as necessidades da população.

A biblioteca comunitária deve disseminar e preservar a cultura de sua comunidade e ainda de seu país. Através da prestação de seus serviços de informação, contribui para a elevação do nível educacional e cultural dos seus usuários. Analisando o funcionamento dela, percebe-se que os seus objetivos são muito similares aos de uma biblioteca pública. Para Almeida Júnior (1997, p. 107), a biblioteca comunitária não seria um novo tipo de biblioteca, e sim “[. . .] uma proposta de atuação da biblioteca pública [. . .]”. Ambas atendem as quaisquer necessidades de sua comunidade através de um acervo heterogêneo.

É necessário esclarecer que as bibliotecas públicas são mantidas pelo governo em nível municipal, estadual ou federal, ou seja, com verba pública. As bibliotecas comunitárias dependem dos recursos da comunidade e não são vinculados a uma instituição pública. Mesmo que seja uma pequena biblioteca de bairro, pertencente ao órgão público, será considerada como biblioteca pública.

Algumas bibliotecas públicas de bairro pertencem a um sistema de bibliotecas municipal ou estadual. No Brasil, existe o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, cujas instituições recebem apoio da biblioteca pública central (grande biblioteca de alcance maior a uma população, como a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo).

Algumas bibliotecas públicas são consideradas sucursais ou ramais de uma biblioteca pública central, e são assim definidas:

Bibliotecas Ramais e/ou Sucursais: bibliotecas que fazem parte de um conjunto de bibliotecas públicas de um mesmo município. Este conjunto ou sistema de bibliotecas públicas do município é formado por uma biblioteca central, geralmente localizada em local de maior movimento da cidade e com coleção ampla, por bibliotecas ramais que atendem diferentes comunidades ou bairros e pelos serviços ambulantes. [. . .]. As bibliotecas ramais nas grandes cidades são as bibliotecas de bairro, em perfeita sintonia com as comunidades locais [. . .]. (BRASIL, 2000, p. 98).

Assim, as bibliotecas sucursais podem atuar nos bairros ou vilas que exigem a demanda de uma determinada comunidade. Conforme Brasil (2000), esse serviço se constitui em um exemplo de atividade de extensão (realizada fora do espaço físico formal de uma biblioteca pública, mas que desempenha o mesmo tipo de atuação dessa última, da mesma forma que caixas-estantes e carro-biblioteca).

Devido aos recursos escassos de uma biblioteca comunitária, é difícil contar com o trabalho de um bibliotecário. Esse tipo de biblioteca possui mais dificuldades para manter os seus serviços do que uma biblioteca pública de bairro. Ainda assim, a última possui menos recursos do que uma biblioteca pública central, principalmente as que atuam em locais periféricos. Em geral pode ou não contar com um profissional da informação em seu quadro funcional.

Tanto as bibliotecas comunitárias como as bibliotecas públicas atendem todas as faixas etárias de usuários. É comum o predomínio de estudantes de quaisquer idades. Embora não sejam as Unidades de Informação mais apropriadas a atender a demanda escolar, hoje em dia, são obrigadas a atendê-la e constituir uma parte do acervo voltado para esse público. A presença constante de escolares em bibliotecas públicas é um fato polêmico na área de Biblioteconomia que até hoje não acabou, perdurando por anos.

Uma diferença apontada por Stumpf (Op. cit.) refere-se à quantidade de usuários, uma vez que, enquanto as bibliotecas públicas centrais atenderiam o município como um todo (a grande maioria possui um amplo espaço físico para abrigá-los), as bibliotecas comunitárias possuem públicos restritos à própria população do seu bairro ou vila. Mesmo assim, uma biblioteca pública de bairro está praticamente na mesma situação de uma biblioteca comunitária, com espaço físico insuficiente para abrigar a comunidade desse espaço cultural.

Restringir a afluência aos usuários que não fizessem parte do bairro, mesmo de uma localidade próxima, fazendo com que eles freqüentem a biblioteca pública central é uma alternativa que deve ser analisada, embora a gerência do sistema precisa considerar o poder aquisitivo baixíssimo dos bairros periféricos. A comunidade muitas vezes não tem condições financeiras para pagar transporte e ir aos outros bairros mais distantes, desse modo, o ideal seria todas as comunidades carentes possuírem a sua biblioteca. Enquanto isso não ocorrer, a mobilização da comunidade para a criação de bibliotecas diante o governo ou autoridades comprometidas com a cultura é importante. As necessidades de informação e o perfil de cada comunidade são distintos, daí a importância desse espaço.

Ambos os tipos de biblioteca têm fundamental importância na questão do atendimento das necessidades informacionais dos usuários. Para que isso possa ocorrer de uma forma eficaz, é necessário a interação entre biblioteca e a comunidade. A biblioteca pública e comunitária precisa entender que consiste em um local onde se possam encontrar informações que poderão resolver os problemas desta, auxiliando no desenvolvimento comunitário e não apenas destinado a eruditos, intelectuais ou literatos.

Suaiden (1995) e Stumpf (1988) alertam a importância do serviço de informações utilitárias (também conhecido na literatura como serviços de utilidade pública ou serviço informacional), que permite aos usuários obterem informações do cotidiano. Abrangem assuntos como saúde, emprego, legislação, lazer, moradia e educação. A biblioteca pública em geral tem prestado esse serviço de forma muito elementar (algumas instituições apresentam apenas expositor de documentos como legislação, materiais para concursos públicos, e/ou guia de primeiros socorros, sem realizar um diagnóstico contemplando as reais necessidades e o modo de vida da comunidade). Essa instituição se preocupa com as políticas públicas da organização maior e as disseminam à população. A biblioteca comunitária trabalha com a informação de sua comunidade sem princípios ideológicos. De qualquer modo, os usuários necessitam de atendimento que satisfaçam suas reais demandas, seja que tipo for.

A biblioteca pública atua na promoção de atividades culturais, como Hora do Conto, teatro, apresentações culturais e outros. De modo semelhante, a biblioteca comunitária também promove essas atividades, permitindo o enriquecimento cultural da comunidade, dinamizando o ambiente. Possui, portanto, uma característica de espaço cultural.

3.2 A Função Sócio-Cultural e a Ação Cultural em Bibliotecas Públicas

Algumas bibliotecas públicas de bairro do Brasil estão localizadas principalmente em bairros periféricos, vilas e zonas rurais. Desse modo, elas

costumam atender a parcela populacional de baixa renda, tendo assumido um compromisso social. Apesar disso, a instituição deve servir a todo tipo de usuário, sem restrições à faixa etária, raça, credo e renda pessoal. Essa Instituição deve ser um instrumento de inclusão social.

A prestação de um serviço de informação, atendendo às necessidades informacionais da comunidade, contribui de alguma forma para amenizar o subdesenvolvimento sócio-cultural que o país enfrenta. Ainda, de acordo com Almeida Júnior (1997) a biblioteca deve adequar os seus serviços ao perfil da comunidade que atende. Facilitar o acesso à informação aos usuários é o primeiro ponto de reflexão para a equipe da biblioteca planejar as suas atividades.

A interação da equipe da instituição com os usuários e a sua vontade pessoal de virem à biblioteca garantem vida a esse organismo cultural. As estratégias de Marketing para a divulgação de seus serviços e o bom relacionamento pessoal com a comunidade podem ajudá-la a respeitar e a valorizar esse espaço. Duckworth et al. (1991, p. 229) afirma que a biblioteca pública possui “[. . .] um fim social e cultural tão importante para a comunidade como o serviço de transporte, a rede hospitalar ou o sistema de educação”. Isso mostra a sua importância, nem sempre compreensível por parte da população que não possui um nível bom de escolaridade e de cultura. Há aqueles que, mesmo assim, lutam pelo espaço melhor e até trabalham voluntariamente na biblioteca. O gerenciamento e a determinação de políticas e de objetivos da atuação da instituição poderão contar com a participação da sociedade.

Em qualquer biblioteca, encontram-se livros e periódicos. Para que eles sejam usados, o usuário deverá ao menos saber realizar a leitura de mundo (através de imagens, inicialmente). Se a maior parte da comunidade não consegue pôr isso

em prática, esses suportes de informação não poderão ser utilizados. A questão da informação transmitida oralmente é uma alternativa, mas nem sempre será adequada às demandas que exijam leitura plena de um documento muito extenso em número de páginas.

A realidade da dependência das doações de material pela comunidade existe, já que atualmente é raríssimo haver aquisição por compra, salvo se for para uma biblioteca sucursal (vinculada a uma biblioteca pública). O cuidado com a atualização do item é importante, sobretudo nos livros didáticos. É ideal que no mínimo um bibliotecário (voluntário ou não) coordenasse a atividade de desenvolvimento de coleções com a comunidade. Ainda poderá a biblioteca incluir na sua coleção diapositivos (*slides*), fitas de vídeo VHS, e outros suportes multimídia, dependendo se haverá equipamentos adequados disponíveis para a sua execução.

Apesar das dificuldades socioeconômicas do Brasil, as bibliotecas devem contribuir na formação de usuários críticos e conscientes em relação ao conhecimento que vêm buscar nessas instituições. Como são organizações sem fins lucrativos, os seus serviços são prestados de forma gratuita. A construção de bibliotecas públicas, sucursais ou não, não é uma tarefa fácil e o bibliotecário deve ser um profissional que tenha criatividade e boa vontade em solucionar os problemas que por ventura as instituições venham a enfrentar.

A ação cultural em bibliotecas públicas é uma prática benéfica aos usuários. A partir de atividades culturais, como hora do conto, debates, cursos e outros, desenvolvem a capacidade de raciocínio, crítica, criatividade, sensibilização com o próximo, expressão e outros. É educação informal, não havendo avaliações tradicionais como na escola. A pessoa deverá sentir-se à vontade para participar, sem cobrança de ninguém.

Existe outra forma de desenvolver atividades culturais através da animação cultural. Ela é muito disseminada em bibliotecas públicas. É mais voltada para o lazer. Segundo Almeida (1987) a ênfase está no consumo de bens culturais, sendo uma estratégia de atrair o usuário à leitura e aos serviços prestados pela biblioteca. Consiste numa forma de divulgação dos serviços prestados. Sendo desprovida da interação da comunidade, poderá favorecer a promoção da “fabricação cultural” (atividade voltada para o consumo), conforme Coelho Neto (1989). O animador cultural (que poderá ser o bibliotecário ou qualquer outro profissional da biblioteca) tem a tendência de escolher as atividades sem considerar a comunidade, tornando-a mero objeto. O sujeito não se modifica, já que assiste a uma programação sem possibilidades de interferência (geralmente espetáculos e festas culturais). Ela ocorre sempre dentro da instituição.

Já a ação cultural é um processo cuidadoso, pois implica em mudança dinâmica, profunda e visceral dos sujeitos, conforme Dalla Zen (2002). Reflete os seus interesses, aprimorando os seus conhecimentos para terem uma vida melhor. A ação cultural também trabalha com a questão da leitura e proporciona lazer, mas é mais ampla. Coelho Neto (1986) informa que nem sempre resulta de um planejamento específico para resultar em um determinado fim gerando, no mínimo, uma nova cadeia de ações, onde todos os sujeitos participam (o monitor não é o “sabe tudo”). O agente cultural (geralmente o bibliotecário ou funcionário da biblioteca) incentiva as ações através do planejamento e organização, sempre considerando os interesses da comunidade.

Esse profissional “[. . .] não cria, cria oportunidades para os outros fazerem” (COELHO NETO 1989, p. 65). Ainda assim, possui certas atribuições. Ele sugere e escolhe os temas das atividades; elabora o projeto; define os objetivos e

metas a serem atingidos; determina as datas e locais, materiais e equipamentos necessários; verifica a necessidade de recursos financeiros extras e procura provê-los; convida as pessoas para participarem das atividades; prepara o *Marketing* (divulgação dos eventos) e avalia os resultados após a realização dos eventos. (BRASIL, 2000; ROMANELLI, 1982). É, portanto, um trabalho de gestão. Poderá trabalhar com o auxílio de outros funcionários, em especial com a direção da biblioteca.

A animação cultural tem o seu valor por disseminar a cultura. Ela pode começar numa biblioteca pública de bairro e, com o tempo, as suas atividades passarem a constituir em ação cultural. Como a população periférica não necessita apenas de lazer, é recomendável que essas instituições interajam com a comunidade, de modo a amenizar as suas dificuldades do cotidiano. Evidentemente, é mais fácil para as instituições realizar animação cultural do que ação cultural.

O bibliotecário poderá atuar como agente cultural, pois tem atribuição profissional de executar a gestão de serviços de informação. Tsupal (1987) afirma que esse profissional necessita ter vivência cultural e visão generalista para colaborar com a formação cultural do usuário. Assim se percebe que o bibliotecário deve conhecer a cultura de seu país e da comunidade com o qual trabalha, além da habilidade de gerenciamento.

Apesar dessa habilitação, são poucos os profissionais da informação que estão realmente preparados para assumir como agente cultural. O currículo das faculdades de Biblioteconomia no Brasil em geral oferece poucas disciplinas voltadas à área da cultura e a maioria possui caráter eletivo (o aluno opta por cursá-la ou não, dentro de um número de créditos estipulados pelo curso). A Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está nesta mesma

situação. A disciplina eletiva “Ação Cultural em Bibliotecas” é oferecida com caráter eletivo, possibilitando um enfoque interdisciplinar da Biblioteconomia. Ainda não basta. Disciplinas relacionadas com a Cultura Brasileira, Literatura, Sociologia e outras áreas humanísticas deveriam permitir ao aluno refletir sobre a realidade do seu país em relação à biblioteca como instituição responsável pela disseminação da cultura. Em ações voltadas ao incentivo à leitura, é comum os bibliotecários monitorarem Hora do Conto, pois é muito trabalhada atualmente nos cursos de Biblioteconomia. No Brasil existem cursos de Ação Cultural apenas em nível de especialização e pós-graduação. Pelo menos, muitos profissionais fazem o possível dentro de suas qualificações, gerando trabalhos de alta qualidade.

O bibliotecário – agente cultural deve estar sempre interessado pelas necessidades dos usuários, executando projetos que possam beneficiá-los. Ele deve procurar não trabalhar sozinho: a constituição de equipe, formado por outros funcionários, e por voluntários da comunidade, poderá ter maiores chances de o evento ser bem sucedido. Alguns podem ajudar na contação de histórias, na confecção de materiais para o teatro, monitoramento do vídeo, entre outros. O bibliotecário deve ser dinâmico e capaz de estabelecer relacionamentos com a comunidade.

A área biblioteconômica deveria desenvolver maiores estudos sobre a atribuição do bibliotecário como agente cultural. As atividades de Processamento Técnico e de Referência são as mais executadas pelos bibliotecários. O que se pretende neste trabalho é destacar uma outra opção de atividade, não menos importante do que o tradicional atendimento ao usuário, através dos recursos e serviços de informação.

3.3 Atividades Culturais em Bibliotecas: tipologia e práticas

A cultura de uma comunidade precisa ser valorizada, disseminada e trabalhada para que haja evolução social. A biblioteca, muitas vezes, é o único espaço do bairro/vila que está relacionado com a cultura. Assim, ela tem como objetivo oferecer serviços que contribuam para o enriquecimento cultural dos usuários.

Além da tradicional busca de informação através do livro e de outros suportes, a biblioteca pública de bairro poderá trabalhar com atividades culturais, contando com a participação da comunidade. Embora diversos autores mencione como missão principal despertar os usuários ao hábito da leitura, o desenvolvimento da capacidade criadora, argumentativa e o aprimoramento do saber individual também são fatores importantes que refletem os benefícios dessa prática.

Brasil (2000) acrescenta a questão do fortalecimento dos laços da comunidade como consequência da promoção das atividades culturais. Isso facilita realmente a integração da comunidade, que passa a freqüentar mais a biblioteca, considerando-a como uma extensão de seu lar. A instituição poderá favorecer o surgimento de amizades, rompendo com a visão tradicionalista de um local de silêncio, que contém livros para serem lidos e nada mais. As atividades culturais, segundo Brasil (Op. cit.), trabalham na promoção da leitura (voltada principalmente à literatura), no aprendizado individual, na cultura e no lazer.

É comum os usuários virem à biblioteca apenas quando oferece alguma atividade de seu interesse voltada mais ao lazer. A biblioteca deve respeitar os interesses da comunidade, sem tentar mostrar-lhe que a cultura não é apenas

lazer. Transformar um usuário potencial em real é uma conquista da instituição, sendo feita aos poucos, sem cobrança de compromissos.

A biblioteca pública e comunitária atua na interdisciplinaridade dos assuntos em que são envolvidos as atividades culturais. Para não haver conflitos de preferências culturais, é indispensável que a biblioteca não exalte um nível de cultura em detrimento do outro. Se for trabalhar tanto com cultura popular como cultura erudita na música, por exemplo, deve-se manter uma programação equilibrada. Tsupal (1987, p. 159) afirma: “Não é só o que o público pede, mas também o que precisa conhecer, que se deve tomar em consideração”. O agente cultural necessita ter uma visão global da cultura e oferecer o que a comunidade gostaria de participar e o que deveria participar, mas não tem interesse.

As atividades culturais em bibliotecas, de acordo com Costa e Andrade (1998, f. 5) “poderão estar integradas ou articuladas com as de outras instituições locais, [. . .] como as escolas”. “[. . .] a biblioteca não tem necessidade de rivalizar com outras instituições e promotores de educação e artes”. (TSUPAL, 1987, p. 161). A integração pode ser uma boa experiência, embora cada uma tenha o seu papel fundamental. A Hora do Conto, concurso literário, debates literários e exposição sobre datas históricas, por exemplo, atraem muito o público escolar, já que se tratam de assuntos trabalhados na escola. Devido ao público heterogêneo, o público adulto e de terceira idade não devem ser desconsiderados nessa atividade, mesmo sendo a minoria que frequenta a biblioteca.

É comum delimitar as atividades, segundo a faixa etária dos usuários (infantil, adolescente, adulto, terceira idade), já que as necessidades de informação são distintas entre cada uma delas. Através do estudo de usuários, é possível o bibliotecário responsável avaliar se a maioria dos usuários gostariam de participar de

atividades culturais. Assim, a comunidade tem oportunidades de se enriquecer culturalmente com os eventos.

Tsupal (Op. cit.) mostra que os dirigentes políticos pensam na cultura como algo acessório e elitista e assim, valorizam mais a indústria do divertimento. Enquanto não se conscientizarem de que a cultura é direito de todo o cidadão, a “aculturação” do povo brasileiro começa a predominar, sobretudo a classe média, que nem sempre tem condições financeiras de frequentar uma oficina de criação literária, teatro, entre outros.

Esse descaso não deve ser uma barreira para que não haja essas atividades. Mesmo se os recursos materiais e financeiros são poucos (e geralmente são), a comunidade poderá realizar campanhas com instituições locais para arrecadar esses recursos. A criatividade em utilizar material usado é uma boa saída. A criação de uma Sociedade de Amigos da Biblioteca poderá facilitar a gerência das atividades culturais, como vem acontecendo em bibliotecas públicas centrais no Brasil.

Pela característica semelhante (mesmo tipo de usuários, acervo, serviços), as atividades culturais oferecidas nas bibliotecas comunitárias não diferem substancialmente das bibliotecas públicas. Neste trabalho, serão apresentados aquelas que são freqüentemente trabalhadas nesses tipos de biblioteca no Brasil.

3.3.1 A Hora do Conto como Instrumento de Ação Cultural

Entre as diferentes estratégias de ação cultural, a Hora do Conto é, sem dúvida, aquela que é mais popular e difundida entre as bibliotecas. O público alvo tanto pode ser crianças como adultos, em especial da terceira idade. Assim, nada impede que a Hora do Conto também possa ser trabalhada com outras faixas etárias, “[. . .] readaptando-se algumas histórias.” (SCHARDONG, 2004, p. 37). O objetivo consiste em estimular o hábito da leitura, através de uma forma agradável de se ouvir histórias. Mesmo que existam outros lugares onde também se desenvolve essa prática, como escolas, creches, hospitais, é importante o reforço que a biblioteca pública poderá proporcionar à sua comunidade.

O processo de formação de leitores deve iniciar na família, segundo Nunes (2002), através de atividades que incentivem o gosto pela leitura entre as crianças, de modo que elas a identifiquem como algo que lhes dê prazer. Assim, as atitudes dos pais ou de outras pessoas do lar podem influenciar positivamente a criança, seja lendo, mostrando ou presenteando livros, ou contando histórias. Pode, ao contrário, afastá-la da leitura, no caso de pais ausentes, que não lêem ou que não se constituam em exemplos de leitores. Nessa situação, a criança tem como segunda chance de aproximação com o mundo da leitura apenas a escola. Infelizmente, ainda é comum parte dos professores não incentivar os alunos a ler por prazer, tornando-se a prática como uma obrigação árdua para o estudante. A cobrança de leituras obrigatórias e trabalhos/provas sobre determinado título na escola não é estímulo à leitura. Resta, então, às bibliotecas realizarem algo pelo incentivo a leitura, e a Hora do Conto poderá finalmente ser a primeira ou até mesmo

a única oportunidade em que as crianças se sentirão motivadas a ler associando a um momento rico de aprendizado com divertimento e descontração.

A atividade traz diversos benefícios aos ouvintes, entre os quais se destacam o enriquecimento do vocabulário da Língua Portuguesa, o aprendizado da escrita e ainda o estímulo à imaginação e à criatividade. A criança que lê, desenvolve desde cedo a capacidade de criticar, opinar e de contar histórias e, desse modo, terá no futuro uma maior facilidade de relacionar-se com as pessoas, ao longo de toda a sua vida (BRASIL, 2000).

A escolha de um narrador é fundamental para que a atividade possa ser bem sucedida. Qualquer pessoa poderá ser contador de histórias: bibliotecário, funcionário da biblioteca, pessoa da comunidade. A gerência da biblioteca pública deve escolher um indivíduo que goste de lidar com crianças e que tenha facilidade de se expressar em público. Não é indispensável que tenha alguma experiência nessa prática, uma vez que “[. . .] contar história é um dom que, como qualquer outro, pode ser desenvolvido”. Basta o contador de histórias ter força de vontade e segurança (BRASIL, Op. cit., p. 103).

Com isso, o narrador precisa se preparar bem, através do estudo da história a ser trabalhada, colocando algo que poderá despertar o interesse da criança. A simples leitura, sem interpretação vocal adequada aos personagens e sem interação com o público, afastará a criança da atividade da Contação de Histórias e, conseqüentemente, do hábito de leitura. O público precisa se sentir à vontade para participar da Hora do Conto. Conforme Oliveira (2002, f. 21), “[. . .] o narrador deve ter condições de envolver a criança na trama, criar momentos de suspense, despertando a sua curiosidade e prendendo a sua atenção na história contada”. Isso ajuda o público a ter concentração na história, evitando a dispersão,

como conversas entre amigos, agitação, o que pode prejudicar o andamento da atividade.

O contador de histórias deve interromper a história para chamar a atenção do público apenas em último caso, para não criar um ambiente desagradável àqueles que estão realmente interessados em ouvi-la. Ele pode iniciar a Contação de Histórias incitando o público a ter momentos de imaginação, através de relaxamento ou outras técnicas auxiliares que tornarão a atividade agradável e descontraída.

A longa duração da história também é fator de desinteresse da criança. A narração deve ser mais breve quando a faixa etária abranger a Educação Infantil e com maior duração ao longo das faixas, embora isso não pode ser considerado como regra. O narrador deve incentivar e permitir a manifestação da criança durante a história.

O ambiente a ser realizada a atividade deve ser agradável e confortável para a criança. Pode acontecer na biblioteca pública ou em outro espaço. De acordo com Nunes (2002), a Hora do Conto deve ser sempre relacionada com a biblioteca, permitindo a familiarização dos ouvintes com os livros.

Quanto à escolha da história, é fundamental que o narrador tenha conhecimento prévio do público a ser trabalhado e dos interesses predominantes do mesmo. O contador de histórias precisa transmitir emoção e despertar a curiosidade das crianças. O gosto literário dos ouvintes deve ser respeitado e tomado como prioridade. É possível trabalhar com diversos gêneros da Literatura Infantil, como folclore, lendas, poesias, contos (populares, clássicos e modernos), sendo brasileiros ou estrangeiros (traduzidos para o português). Para incentivar à leitura, o narrador deve mostrar, em algum momento do trabalho, o livro de onde a história foi

retirada. Sempre que possível, deve-se escolher os livros da biblioteca pública, pois, assim, as crianças serão motivadas a freqüentarem essa biblioteca e ler livros. Questões como amizade, medos, fantasias e preconceitos poderão ser abordadas em histórias selecionadas para a atividade.

Para animar ainda mais a contação de histórias é comum utilizar dinâmicas (técnicas), como representação teatral, dança, canto (o narrador pode ensaiar com o público uma música que esteja de acordo com o enredo da história), expressão corporal e outros. Os recursos (materiais) permitem maior visualização da história narrada às crianças. Dentre eles, destacam-se: cartazes ilustrativos, dobraduras (origami), avental (material aderente ao velcro, permite aderir os desenhos dos personagens ou objetos da história confeccionados com papelão), imanógrafo (suporte de placa de metal, cujos desenhos são aderentes pelo imã que os constituem), quadro de pregas (folha de cartolina com pregas horizontais que fixam as bases das figuras), quadro de giz (uma pessoa desenha as cenas principais da história), álbum seriado (o narrador mostra as páginas ilustradas na seqüência da história), cineminha (com suporte em papelão com uma “tela”, os personagens possuem varetas de madeira nas pontas), fantoches, marionetes, diapositivos e transparências (OLIVEIRA, 2002; NUNES, 2002).

Após a narração, é necessário que o contador de histórias permita que as crianças façam perguntas e comentários sobre a história, enriquecendo ainda mais o aprendizado delas. Ele pode distribuir alguns livros da biblioteca para o público ler durante alguns minutos, percebendo qual o interesse do gênero literário do mesmo para a contação de futuras histórias. Após isso, as crianças podem trabalhar com o conto criando-lhe um final diferente ou uma nova versão do mesmo. Opções como desenhos, pinturas, recortes de jornais e revistas, dobraduras,

representação teatral, jogos literários (adivinhação dos fatos sobre a história) são possíveis. O importante é que o público não se sinta obrigado a fazer algo que não goste e tenha liberdade para participar desta etapa ou não. Esse é o momento da imaginação e da criatividade das crianças, permitindo o aprendizado da Língua Portuguesa e da Literatura de forma prazerosa.

A Hora do Conto é uma atividade educacional e cultural ao mesmo tempo. Antunes e Cavalcante (1989) recomendam que a contação de histórias, abrangendo todas as suas etapas, não ultrapasse 40 minutos por encontro. Para que a comunidade não perca o interesse pela leitura é fundamental que a biblioteca pública programe essa atividade de forma regular, contribuindo também na formação de novos leitores. O ideal seria abrir esse espaço uma vez por semana ou quinzenalmente.

3.3.2 O Teatro como Instrumento de Ação Cultural

Antunes e Cavalcante (1989) explicam que o teatro lida com a representação de uma obra ou situação real ou fictícia realizada por uma ou várias pessoas diante de um grupo de expectadores; Coelho Neto (1989) cita como recursos: dança, música e imagem em movimento ou estática. Assim como a Hora do Conto, costuma retratar a Literatura brasileira e estrangeira ao palco, porém de forma adaptada para essa arte. É destinada a todas as faixas etárias. Os usuários podem ser expectadores, organizadores e atores da peça.

Cada faixa etária poderá encontrar uma peça de seu gosto. Mesmo que haja alguém que nunca assistiu ou sequer trabalhou em uma apresentação teatral, é uma oportunidade valiosa que a biblioteca pública está oferecendo à comunidade. Essa ação colabora significativamente com o incentivo à leitura e o da cultura da região.

A biblioteca poderá trazer grupos de teatro da comunidade que se disponham a trabalhar voluntariamente ou até abrir o espaço aos próprios usuários, criando-lhes condições para desenvolverem os seus potenciais artísticos e culturais. Os adolescentes e as crianças, principalmente, se trabalharem desde cedo com a representação teatral, serão beneficiados.

Entre os benefícios, Oliveira (2002) mostra que as crianças conseguem transmitir os seus sentimentos e vencer suas dificuldades. Brasil (2000) complementa que o trabalho em grupo traz valorização da atividade, facilita a compreensão dos textos e combate a timidez e a inibição, por causa da exigência da expressão corporal e oral. Sendo uma atividade executada em conjunto, permite a integração social e desenvolve o espírito de colaboração. Da confecção do cenário até a apresentação, há aprendizado. Além disso, desenvolve o sentido exato de responsabilidade de papéis a desempenhar e o sentido crítico (correção de defeitos).

Além da tradicional apresentação teatral através de atores comuns, o público infantil tem a possibilidade de trabalhar com teatro de fantoches. Os bonecos poderão ser confeccionados pelas próprias crianças que encenarão a peça, podendo contar com a ajuda da comunidade em geral e da equipe da biblioteca. Segundo Antunes e Cavalcante (1989) são exemplos de fantoches: marionetes

(bonecos conduzidos por fios), bonecos de luvas, bonecos manipulados por vara e bonecos bi-dimensionais (para teatro de silhuetas).

A pessoa que participar na interpretação da história deve desenvolver a sua capacidade criativa e imaginativa para adaptá-la, de modo que os expectadores sintam-se à vontade, tanto no teatro de fantoches como no teatro comum. Se envolverem crianças, é aconselhável ter um adulto que ajude na montagem e execução da peça. A biblioteca deve prestigiar o esforço dos atores-usuários, por assim dizer.

O teatro, conforme Coelho Neto (1989), é um trabalho em equipe, onde todos devem convergir para o mesmo objetivo. Assim, o grupo deve superar suas dificuldades para que o resultado final seja positivo.

A duração da peça não deve ser longa para o público infantil. O espetáculo pode complementar com algumas sessões de Hora do Conto, em peças infantis. É importante haver espaço para perguntas, divulgação do livro de onde a história foi retirada, integrando a equipe da peça com os expectadores.

3.3.3 A Literatura Oral como Opção Inovadora de Ação Cultural

Embora na literatura da área ainda não tenha sido consagrada essa denominação, já houve experiências concretas em bibliotecas públicas e comunitárias. Refere-se como “[. . .] um meio de transmissão de conhecimentos [. . .]”. (SILVA, 1991, f. 5). É possível participar desse trabalho pessoas da terceira idade (principalmente), adultas e até jovens.

O grupo de terceira idade trabalha com o desenvolvimento da memória oral, transmitindo fatos relevantes em suas vidas, fatos históricos da comunidade ao qual pertencem e até ficção (poesias, crônicas e contos). Lida-se com o passado, sem desconsiderar o presente e prepara para o futuro da vida da comunidade. A integração social do público e dos oradores é interessante. Outras faixas-etárias podem também trabalhar com essas e outras temáticas.

É possível que esses encontros sejam gravados em fita cassete ou filmados, de forma que haja um registro permanente, no acervo da biblioteca. A produção de um livro ou trabalho de pesquisa são sugestões que o agente cultural poderá implantar.

A gerência da biblioteca precisa incluí-la em sua programação numa frequência semelhante ao da Hora do Conto, já que os objetivos e benefícios praticamente são os mesmos, mas com outros públicos.

3.3.4 As Palestras como Instrumentos de Ação Cultural

As palestras permitem a troca de informações entre o palestrante e o público, podendo envolver quaisquer faixas etárias de usuários.

O palestrante pode ser qualquer especialista do assunto em que irá expor. Temas, como família, uso de drogas, fatos históricos ou polêmicos, Literatura, Artes e sociedade em geral, podem ser desenvolvidos, entre outros. Os usuários poderão sugerir os temas de seu interesse.

É fundamental que a platéia tenha oportunidade de realizar perguntas e comentários, enriquecendo o evento. A palestra incentiva o hábito da leitura e motiva a pessoa a buscar informações em outras fontes.

A equipe da biblioteca deve proporcionar o espaço físico adequado, estimando o número possível de pessoas que comparecerão ao evento. Se houver superlotação, deve-se providenciar acomodação para todos (se for possível conseguir bancos ou cadeiras a todos). Milanesi (1997) recomenda, para qualquer biblioteca que trabalhe com atividade cultural, que haja no mínimo uma palestra por mês, em média.

3.3.5 As Exposições como Estratégias de Ação Cultural

É um evento que atrai a todas as idades. Antunes e Cavalcante (1989, p. 108) afirmam que “constituem [em] um excelente meio de divulgação e extensão do trabalho da biblioteca”. Através da informação visual, o público desfruta tanto o lazer como a cultura em geral proporcionada.

Existem inúmeros temas possíveis de serem trabalhados em exposições. Dentre eles estão: datas comemorativas (Dia do Índio, Dia Internacional da Mulher), acontecimentos históricos do Brasil e ao nível local do bairro/vila, trabalhos artísticos (pintura, desenho, escultura), homenagem a escritores (mostra de livros), livros antigos e livros danificados. A biblioteca deve considerar as sugestões trazidas pela comunidade.

Entre as vantagens obtidas com as exposições, Heintze (1974) cita o encorajamento dos usuários a lerem algo sobre o assunto exposto. Brasil (2000) complementa, acrescentando o incentivo à pesquisa. De uma certa forma, o usuário obtém a informação também de um modo descompromissado, tanto visitando como até participando da execução da atividade.

Qualquer tipo de material poderá ser exposto. A montagem do evento é relatada por Brasil (Op. cit.), através das seguintes fases: planejamento; pesquisa no acervo da biblioteca em torno do tema (livros, artigos de jornais e revistas, – o bibliotecário é capaz de contribuir muito nessa ação); coleta, seleção e organização do material, por ordem de assunto ou cronológico; e elaboração das legendas (para cada objeto, escrever um cartão que contenha o título do material, sua descrição, quem o fez, data, onde foi encontrado). A biblioteca poderá convidar a comunidade interessada para atuarem inclusive como guias, se for necessário.

É fundamental que a equipe da biblioteca contenha um calendário cultural, detalhando as comemorações mais importantes que poderão ser trabalhadas em exposições. Em Anexo, está um exemplo dele. Ainda deve ser afixada nos murais a programação do evento para que a comunidade tenha conhecimento das datas e temas agendados.

A duração de uma exposição não deve ultrapassar mais de duas semanas. Milanesi (1997) recomenda que a atividade ocorra no mínimo numa média de duas exposições ao ano.

3.3.6 Os Cursos em Relação à Ação Cultural

As bibliotecas públicas têm a opção de oferecer cursos que correspondam às necessidades da comunidade. Deve ser ressaltado que, para haver a participação significativa de um curso, é necessário que no mínimo seja gratuito. Recursos materiais exigidos na atividade podem ser trazidos pela comunidade. O ministrante colabora voluntariamente com o progresso cultural do bairro/vila em questão. As inscrições devem ser executadas de acordo com o número de vagas estabelecidas, podendo ser distribuídas senhas, se for o caso.

O público escolar poderá se interessar em cursos de criação literária (redação, poesia, crônica), artes plásticas (desenho, pintura, modelagem), de línguas, entre outros. O público adulto e de terceira idade têm a opção de participar de aulas de artesanato, alfabetização, arte culinária, criação literária, e outros.

O mínimo recomendado por Milanesi (1997) é que ocorra em média de quatro cursos por ano. A frequência dessa ação depende do interesse conjunto da equipe da biblioteca e de seus usuários. A duração do curso, pré-requisitos, formação de novas turmas e outras questões são decisões tomadas pela biblioteca.

3.3.7 Os Concursos como Instrumentos de Ação Cultural

Conforme Brasil (2000) e Antunes e Cavalcante (1989), os concursos estimulam os usuários na criatividade. Existem inúmeras opções: criação literária

(conto, poesia, letra de música), obras de arte (pintura, desenho), entre outros. Qualquer faixa etária é viável de se trabalhar.

O julgamento dos trabalhos fica geralmente a cargo de uma autoridade especializada no assunto ou poderá haver um comitê composto pelo bibliotecário, demais funcionários da biblioteca, pessoas especializadas e algum representante da comunidade. A premiação é um fator estimulante à participação.

O regulamento deve ser bem claro e conciso. É fundamental afixá-lo no mural da biblioteca e distribuí-lo aos usuários interessados, com a ficha de inscrição incluída. O estímulo à pesquisa é um benefício dessa prática. Ainda é possível expor os trabalhos realizados, destacando os vencedores, para os usuários conhecerem e prestigiarem.

3.3.8 As Apresentações Culturais em Relação à Ação Cultural

Promovem, através do lazer, a integração da comunidade e também o incentivo à pesquisa. A biblioteca opta por atingir a todas as idades dos usuários ou manter uma programação adequada a cada faixa-etária. A entrada deverá ser franca.

A apresentação musical é um forte atrativo para a comunidade comparecer mais na instituição. É comum haver mostras de música erudita, música popular brasileira, música folclórica, dentre outros gêneros. Tendo um espaço físico adequado, a atividade não é prejudicada (problemas de acústica e espaço do palco, por exemplo, são comuns). Se a biblioteca não possuir aparelhagem sonora, deve

tentar conseguir com os artistas. Também é uma forma de divulgar a música local. Entre outras atrações ao vivo poderão comparecer grupos de dança, mágicos, etc.

A mostra de filmes, seja documentários ou baseados em fatos históricos, literários e artísticos, é uma forma prazerosa de disseminar a informação. Heintze (1974) afirma que educa qualquer usuário. Complementa mais a atividade se houver debates entre especialistas do assunto tratado no filme e a platéia.

A equipe da biblioteca deverá estabelecer a duração desses eventos, bem como a programação, conforme suas necessidades.

3.3.9 A Criação de Clubes de Leitura como Estratégias de Ação Cultural

Os Clubes de Leitura são uma espécie de agremiação que reúne pessoas interessadas na leitura, seja para ler, para discutir ou para informar-se sobre novas perspectivas, obras e autores. Embora seja mais popular entre adultos, também pode ser utilizada como um espaço de encontro e convivência com a leitura entre públicos infantis e juvenis. De qualquer modo, sempre consistem em espaços de reflexão, nos quais seus participantes buscam, através da leitura, ampliar seus conhecimentos sobre determinados assuntos de interesse do clube. Realizam um debate, expondo suas opiniões individuais. Conforme Maia (2002), o Clube de Leitura permite a valorização da cultura, troca de experiências entre os membros, além do estímulo à pesquisa e à formação de pessoas mais críticas em relação ao que lêem. O ideal, segundo a autora, é que os membros do clube elaborem o estatuto do clube antes de sua implantação:

[. . .] é o documento que direciona as atividades e regulamenta as normas gerais de trabalho [. . .]. Trata-se de uma ferramenta importante para a condução do projeto, pois delimita as ações, reduz problemas e auxilia na tomada de decisões [. . .]. O Estatuto deve abordar todos os procedimentos do Clube e, após sua elaboração, deve ser votado e aceito pela comunidade [. . .]. (MAIA, 2002, p. 26).

O estatuto estabelece normas de conduta e deve ser mostrado e esclarecido aos interessados. Para participar, existe o pré-requisito da associação. Deve-se evitar a realização de qualquer cobrança em dinheiro bem como obrigar qualquer um a participar. A idéia é atrair o maior número possível de pessoas da comunidade, conscientes de que estão freqüentando por prazer e por gostarem de ler e discutir idéias.

Antunes e Cavalcante (1989) afirmam que deve haver de três a seis pessoas em média que, em cada encontro, apresentam e defendam as suas idéias e opiniões a respeito das obras lidas. É desejável que sejam especialistas da matéria ou bons conhecedores e que façam análises a partir de argumentos sólidos para basear criticamente os seus pontos de vista. As outras pessoas, mesmo sem manifestarem em alguma sessão, também estão aprendendo com essa forma de debate construtivo, pois prestam atenção na lógica e no raciocínio de exposição de idéias, estimulando o senso crítico individual.

Temas como Literatura, História, Artes Plásticas, Saúde, Educação e outros são possíveis de serem tratados nesses encontros. Ao lado deles, é importante também a inserção de assuntos relativos à própria comunidade, suscitando debates em torno de problemas, história e identidade cultural do bairro, por exemplo. Desse modo, os clubes de leitura se constituem em mecanismos que integram as pessoas à vida comunitária, ao local e aos demais sujeitos com os quais compartilham o seu cotidiano. Por isso, é fundamental que os membros realizem

leitura de modo antecipado a cada discussão para que o encontro seja enriquecedor, atingindo um de seus objetivos, que é o estímulo à leitura.

Ainda conforme as autoras, é indispensável ter um coordenador, que fará o papel de mediador para cada orador, dando oportunidade igual para cada um deles defender suas idéias, além de poder sugerir temas para trabalhar no clube. Pode ser o bibliotecário, especialista em Letras ou Pedagogia, ou até qualquer pessoa da comunidade. O mediador resume as principais opiniões defendidas e distribui o tempo de forma igualitária para cada participante escolhido para o debate se manifestar. O coordenador deve manifestar sua opinião no momento certo (de preferência por último).

Os participantes devem respeitar a forma de pensar de cada membro e permitir o debate de cada um. É possível haver discussões não construtivas que podem destruir amizades e ainda o afastamento do clube por algumas pessoas. O coordenador irá intervir nestas situações desagradáveis. A exibição de uns se mostrarem mais inteligentes do que outros provoca uma situação de conflito por vezes irreversível.

Eventualmente, o clube poderá trazer, como convidados, especialistas nas mais variadas áreas do conhecimento para promover um debate com seus associados, para assuntos de maior curiosidade e necessidade de melhor esclarecimento para a comunidade.

As reuniões podem ocorrer na biblioteca comunitária ou em um local próximo a ela. É importante que o clube esteja vinculado a instituição, valorizando o acervo e utilizando-o ainda como fonte para os trabalhos de debates.

Os encontros devem ocorrer, conforme Maia (2002), uma vez por semana, de uma a duas horas de duração. A decisão fica a cargo do coordenador

do clube, com o consentimento do agente cultural da biblioteca. Portanto, a participação da comunidade nos encontros é fundamental para o sucesso da atividade e para que essa tenha continuidade.

Assim, os clubes de leitura, quando agregados às bibliotecas comunitárias, podem se transformar em importantes mecanismos de ação cultural. De modo agradável, participativo e solidário, eles podem não só reunir as pessoas para expansão de seus interesses culturais, mas também se constituírem em efetivos espaços de construção da cidadania.

3.4 A Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães

A Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães (BPMJG) pertence à Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Está vinculada à Secretaria Municipal da Cultura, diretamente subordinada à Coordenação do Livro e da Literatura. Localiza-se no bairro Menino Deus (zona oeste de Porto Alegre). Ocupa uma parte do Centro Municipal de Cultura Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues (local constituído por teatro, livraria, atelier de Artes Plásticas e biblioteca).

Originária na década de 60, tem como missão disseminar a cultura, através do apoio à educação nos seus diversos níveis de escolaridade e formação dos usuários, bem como incentivar o hábito de leitura, atendendo as pessoas nas suas necessidades de pesquisa, informação e lazer. Permite consulta local e empréstimo de materiais (livros de Literatura e didáticos, periódicos e fitas de vídeo VHS de assunto cultural).

Pelo fato de estar instalada em um bairro no qual nem toda a população de Porto Alegre conhece ou terá condições de freqüentá-la devido à distância, a Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães realiza atividades de extensão voltadas geralmente às populações periféricas de bairros mais distantes da biblioteca, compondo o projeto “Bibliotecas Itinerantes – Biblioteca Vai ao Leitor”. As atividades “Caixas-Estantes” e “Baús da Leitura” possuem um acervo de livros voltados à Literatura, revistas e gibis, circulando em vários bairros, em locais estratégicos, como Clubes de Mães, Associações de Bairro, Creches Assistenciais, Centros Comunitários e Fundações Educacionais. Permitem empréstimo por tempo determinado. Existe ainda a “Tenda da Leitura”, com acervo mais voltado para o público infantil, instalado em praças (já tem uma programação fixa para acontecer no Parque Farroupilha) e jardins de museus de Porto Alegre. Ocorre sempre nos dias de sol, pois a tenda, constituída por uma lona, é aberta.

A biblioteca costuma realizar diversas atividades culturais voltadas sobre a importância do ato de leitura. Já realizou, dentre inúmeras atividades, curso de formação de contadores de histórias (freqüentado pelo público adulto), feira de troca-troca de livros, palestras com temáticas voltadas à Literatura, hora do conto, narração de contos voltados ao público jovem e adulto, e curso de criação literária para interessados em se tornarem escritores. Algumas ações foram trabalhadas também nas bibliotecas itinerantes. Ainda existe o projeto “Brincando com as Palavras”, que consiste em uma adaptação cênica de um livro infantil para o teatro. As crianças lêem uma história, debatem sobre ela e encenam-a em teatros municipais ou em hospitais, contando com a ajuda de um grupo de atores profissionais e, no final, há um encontro com o escritor da obra a ser trabalhada, tendo um momento de conversa.

Conforme Gonzales (2002), existe uma política cultural do livro da Secretaria Municipal de Cultura, que tem por objetivo o acesso ao livro, proporcionando à população de Porto Alegre, o hábito de leitura. A iniciativa de descentralização do acervo da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, através da demanda de algumas regiões do Orçamento Participativo (no total 16 regiões de Porto Alegre), originou-se no projeto de construção das denominadas bibliotecas sucursais (ramais), com acervo fixo e permanente, ao alcance de toda a comunidade. O objetivo delas é “[. . .] consolidar um espaço de trocas, de informações e de articulação cultural, onde seja possível suprir as necessidades de lazer e conhecimento através do ato de leitura.” (GONZALES, 2002, p. 31). As bibliotecas sucursais atuarão como bibliotecas públicas de bairro/vila, tendo o seu acervo constituído por doações de obras selecionadas pela Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e os recursos básicos mantidos pela Secretaria Municipal da Cultura.

O projeto já está sendo executado. Através da reivindicação de seus moradores durante diversas assembléias temáticas de cultura do Orçamento Participativo sobre a necessidade de um espaço que permita a produção e fruição cultural da comunidade, o bairro Restinga recebeu uma biblioteca ramal da BPMJG em 2001. As próximas bibliotecas sucursais a serem implantadas serão nos bairros Partenon e Cristal. Existe um local destinado a elas, porém falta organizar o acervo. A intenção é criar uma biblioteca ramal para todas as 16 regiões do OP.

3.5 A Biblioteca Ramal 1 - Restinga

Foi a primeira biblioteca ramal da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães a ser criada, pelo fato de a comunidade se antecipar em relação aos outros locais na manifestação a favor de uma biblioteca pública e por já ter sido destinado um local com melhores condições de infra-estrutura. Foi inaugurada em 22 de novembro de 2001, recebendo a denominação Ramal 1 – Restinga – Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães.

FIGURA 1 – Biblioteca Ramal 1 – Restinga em 2002 (Sala Antiga)

Situada no bairro Restinga Nova (zona sul de Porto Alegre), ocupa uma sala no Centro Administrativo Regional Restinga/Extremo-Sul, composto ainda por um posto de saúde, espaço para as atividades do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), atelier de Artes Plásticas e espaço para exposições de arte.

A Biblioteca Ramal 1 – Restinga possui um acervo composto por enciclopédias; dicionários; livros didáticos; livros de Literatura Infantil, Juvenil e Adulto; periódicos; recortes de jornais e gibis. Permite consulta local e empréstimo

(exceto obras de referência). Atualmente possui cerca de 300 sócios. Grande parte dos itens são provenientes de duplicatas doadas pela Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e da coleção da extinta biblioteca do Centro Comunitário da Restinga (CECORES). A instituição também costuma receber diversas obras por doações da comunidade da Restinga.

FIGURA 2 – Biblioteca Ramal 1 – Restinga (Atual)

A biblioteca está voltada de uma certa forma à prestação de serviços de utilidade pública. Possui recortes de jornais com informações sobre atendimento de postos de saúde, leituras obrigatórias dos concursos vestibulares, vagas de estágio/empregos, entre outros. Além disso, divulga a produção cultural da comunidade do bairro Restinga no mural da biblioteca através de desenhos e poesias.

Os usuários podem manifestar qualquer sugestão por escrito e depositar na “Caixa de Sugestões”. A biblioteca realizou um levantamento dos pedidos em 2002 e procurou melhorar o ambiente físico (mais mesas e cadeiras, por exemplo). Até 2002 funcionava numa sala muito pequena para abrigar os usuários. A comunidade se mobilizou: realizado um abaixo-assinado para transferência para

uma sala maior, imediatamente o Centro Administrativo Regional Restinga / Extremo-Sul forneceu uma sala mais ampla que estava desocupada. Mesmo assim, não é ainda o ideal, pois cabem, com muito aperto, cerca de 8 usuários sentados.

Livros com estado físico precário, ou que não interessam para o acervo da biblioteca, além de *folders*, jornais gratuitos, entre outros, podem ser levados pela comunidade na caixa “Pegue e Leve”. É uma forma de incentivo à leitura, além da possibilidade de conter informações interessantes para as pessoas.

A equipe da biblioteca é composta por uma bibliotecária, que atua também nas atividades de extensão da BPMJG, e duas estagiárias estudantes de Ensino Médio, auxiliares no Serviço de Referência. O público que frequenta a Biblioteca Ramal 1 – Restinga é heterogêneo, abrangendo todas as faixas-etárias, com predomínio de crianças e adolescentes.

A biblioteca realiza ou já realizou várias atividades culturais. Elas serão descritas na Análise e Apresentações dos Dados com base nas entrevistas realizadas pelos profissionais da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e pela bibliotecária da Biblioteca Ramal 1 – Restinga, Marta Lemos Martins e em documentos (projetos, reportagens de jornais e revistas). Foi possível, enfim, realizar um estudo de caso que envolvesse ação cultural e bibliotecas públicas de bairro.

3.6 O Bairro Restinga

O bairro Restinga é considerado um local carente de Porto Alegre, onde predomina a classe social baixa. É altamente populoso, com 53.764 mil habitantes, de acordo com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2004). Há fontes diversas afirmando que o local já possui 100 mil habitantes, o que é uma possibilidade muito grande de já ter atingido esse número. Possui uma área demográfica de 21.098.880 m² e dista cerca de 22 km do Centro de Porto Alegre (aproximadamente 40 minutos de ônibus).

FIGURA 3 – Mapa de Porto Alegre (Bairro Restinga em Destaque)

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2004

Sua origem, conforme Nunes (1997) foi muito conturbada. Na década de 40, a sub-habitação agravou em Porto Alegre. Devido à expansão da indústria, milhares de agricultores ficaram sem trabalho, obrigando a permanecer na capital em busca de melhores condições de vida. Como não tinham condições de construir casas devido à miséria, optaram por construir locais simples e rudimentares,

conhecidos como “malocas”. Os migrantes (em sua maioria biscateiros e catadores de papel) moravam em vilas, como Dona Theodora (bairro Navegantes), Ilhota (Centro) e dos Marítimos.

Em 1965, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre criou o Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB). O departamento decidiu remover todas as famílias que habitavam nessas vilas, em 1966, para um local muito distante do Centro de Porto Alegre, sem nenhuma consulta prévia à população. O local passou a ser denominado Restinga, cujo real significado de seu nome é sanga (pequeno arroio com as margens cobertas de mato).

A situação sócio-econômica da população não melhorou. Muitos continuavam no sub-emprego. A infra-estrutura do bairro era precária (sem energia elétrica e saneamento básico). Diversos moradores ajudaram na pavimentação, ainda que rudimentar, surgindo acessos (ruas).

Uma região do bairro foi construída pelo DEMHAB através de conjuntos habitacionais, ficando pronto em 1970. Denominada Restinga Nova, foi habitada por moradores de outras localidades com condições financeiras melhores, embora não chegue ao patamar de classe média. Os moradores da tradicional Restinga, que mudou de nome para Restinga Velha, mais uma vez foram excluídos da possibilidade de mudar para essa nova região.

A população da Restinga Nova não sofreu tanto acréscimo de população recentemente, por ter sido suspensa a construção de apartamentos e casas. Ao contrário da Restinga Velha, com nível de pobreza predominante, aumentando consideravelmente a cada dia que passa, surgem moradias rudimentares. Ela enfrenta um grave problema social do qual o Brasil como um todo está enfrentando: o desemprego.

A Restinga Velha é composta por pequenas vilas, como Santa Rita, Barro Vermelho, Figueira, Cabriúva, Chácara do Banco, Mariana, Castelo, Bitá, Elo Perdido, Pitinga, Flor da Restinga, Vila Particular, Rocinha, dentre outros. A Restinga Nova é dividida em quatro unidades vicinais, compostas basicamente por residências (casas e apartamentos), escolas, creches comunitárias, departamentos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, comércio, e assim por diante.

Apesar das diferenças sócio-econômicas entre as duas regiões, o bairro Restinga como um todo teve de se unir para conseguir melhorar suas condições de vida. O que se destaca na comunidade é o seu caráter reivindicatório. Desse modo, conseguiu energia elétrica, escolas, creches, postos de saúde, transportes (linhas de ônibus), dentre outros. Possui atualmente diversas associações de moradores nos diferentes aglomerados do bairro. A manifestação ocorre principalmente nas reuniões temáticas do Orçamento Participativo.

A comunidade está lutando atualmente para que haja linha de lotação, como forma de agilizar a ida/vinda das pessoas no sentido Restinga/Centro e Centro/Restinga, pois mesmo contando com linhas de ônibus que realizam percurso de forma direta, não facilitam a rapidez de trajeto. Houve um certo progresso nas linhas de ônibus (existem hoje aqueles que percorrem a Restinga Velha e outros, Restinga Nova).

O desemprego aumenta cada vez mais no bairro Restinga. Mesmo tendo um pequeno distrito industrial e áreas comerciais, não consegue absorver mão-de-obra suficiente, inclusive em toda a cidade de Porto Alegre. Isso é o ponto de partida para outro grande problema: a violência. Muitos entram na marginalidade, através do roubo, do assalto, e até crime de morte. Existe a questão do tráfico de drogas. Felizmente, o índice de violência, bem como o tráfico de drogas no local

chegou a diminuir, embora não terminar por completo. Isso ocorre principalmente nos aglomerados pobres da Restinga Velha.

Mesmo havendo postos de saúde mantidos pelo município de Porto Alegre, há necessidade de um hospital de emergência, para evitar o deslocamento da comunidade em casos seríssimos e urgentes, evitando até a morte do paciente em ambulâncias.

Possui uma quantidade suficiente de escolas públicas municipais e estaduais de Ensino Fundamental e Ensino Médio e creches comunitárias municipais. Percebe-se que a questão da educação é levada a sério pelos órgãos públicos.

Em relação aos meios de comunicação locais, o bairro possui uma rádio comunitária de alcance local (Rádio Comunitária Restinga – FM 88.1 Mhz) e um jornal comunitário de distribuição gratuita (Jornal Restinga: a comunidade em debate).

Não existe *shopping center*, cinema e local apropriado para teatro no bairro. As opções de lazer são voltadas para a própria produção cultural ou prática esportiva.

Existem diversos locais para prática de esportes. É comum crianças e adolescentes jogarem futebol, em quadras improvisadas de algumas praças do bairro. Além disso, possuem um núcleo cultural esportivo que incentiva a prática, bem como as atividades oferecidas pelo Centro Comunitário da Restinga (CECORES), incluindo ainda voleibol, *skate* e basquete.

A comunidade prestigia a sua criação musical. Existem duas escolas de samba reconhecidas em Porto Alegre: União da Tinga e Estado Maior da Restinga (vencedora do Carnaval 2004 de Porto Alegre). Além desse estilo musical, existem

muitos grupos de *Hip-Hop* (estilo de origem norte-americano, cujas letras das músicas expressam a realidade social de uma região). Os eventos musicais costumam ocorrer na Quadra da Tinga e na Esplanada da Restinga (praça próxima do CECORES).

As atividades culturais costumam ser oferecidas pelo Centro Comunitário da Restinga e pelo Centro Administrativo Regional Restinga / Extremo-Sul. O primeiro proporciona à comunidade cursos de tricô, culinária (voltados à terceira idade, por ter um Grupo de Idosos), cursos de reforço escolar para crianças e jovens, dentre outros. O último oferece espaço para palestras e uma biblioteca comunitária, além das oficinas de produção artística alternativas, como grafite, cerâmica, papel machê, história em quadrinhos e outros, numa ação que faz parte do Projeto de Descentralização da Cultura de Porto Alegre (cada região produz ação cultural nas áreas de Artes Plásticas, Artes Cênicas, Cinema, Vídeo e Fotografia, Música, Dança, Literatura, Capoeira e Memória dos Bairros). Todas as atividades são gratuitas. Destaca-se, na programação descentralizada, uma oficina de dança (*Ballet*) para meninas de idade infantil e oficina de capoeira.

Ainda persiste uma mentalidade na população de outros bairros de Porto Alegre de que o bairro Restinga é sinônimo de marginalidade. Acontece que muitos desconhecem sua história e suas características. Apesar dos problemas de infra-estrutura, a Restinga procura valorizar o que tem e lutar para conseguir mais condições financeiras para resolver os problemas de saúde, habitação, transportes, esportes, cultura, lazer. O que se pode afirmar é que, com exceção dos transportes e saúde, a região possui atividades que até bairros com população mais nobre não têm.

Atualmente a população em geral tem orgulho de afirmar que pertence à Restinga, ao contrário de duas décadas atrás. Pelas suas conquistas, a comunidade, com certeza, se fortalece buscando melhorar suas condições de vida, através da persistência e interação entre as pessoas.

4 METODOLOGIA

A investigação se constituiu numa pesquisa de carácter qualitativo, na forma de um estudo de caso vinculado à Biblioteca Ramal 1 – Restinga, tendo sido efetuada de acordo com os procedimentos definidos a seguir.

4.1 Modelo de Pesquisa

Seguindo a abordagem qualitativa, sob a forma de um estudo de caso, ao invés de se preocupar com dados de cunho estatístico, deteve-se nos depoimentos dos atores sociais envolvidos no fenómeno estudado. Desse modo, as manifestações das pessoas, a interpretação dos cenários e a conexão das atividades realizadas com as funções de ação cultural presumíveis para uma biblioteca pública, se constituíram no foco do trabalho. Nessa linha, pressupôs também que o próprio pesquisador interfere e é modificado, como também o contexto é sensível e concomitantemente provoca a sensibilidade do pesquisador. Tanto um quanto outro causam mudanças e são afetados entre si. Portanto, a pesquisa buscou compreender as pessoas dentro do marco de referência delas mesmas, considerando que todas as perspectivas de análise são valiosas e dignos elementos de estudo. Tratam-se essas as características básicas que acompanham a análise feita, de acordo com o modelo de referência teórica utilizado, por Taylor; Bogdan (1996) e especial por Haguette (2003) que reitera que os métodos

qualitativos têm a sua validade garantida na medida em que enfatizam as especificidades dos fenômenos que busca compreender, a partir das referências de seus atores sociais, acerca da origem, razão de ser e significados para as suas próprias trajetórias pessoais e coletivas.

Em relação ao estudo de caso, Gil (2002, p. 54) explica: “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [. . .]”. Trata-se de uma metodologia que tenta acompanhar a perspectiva dos sujeitos envolvidos na realidade, apresenta os seus diferentes pontos de vista em relação a uma determinada situação e, finalmente utiliza diversas e alternativas fontes de informação para estabelecer o necessário diálogo entre o referencial teórico e a realidade investigada.

A partir da revisão de literatura, foram estudadas as atividades culturais realizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga na ótica de seu próprio contexto. E, a partir de uma melhor aproximação com a realidade da instituição, o estudo buscou referendar os resultados positivos já obtidos pelas iniciativas já implementadas, como também propor alternativas para qualificar o cotidiano da biblioteca enquanto agente de ação cultural.

4.2 Sujeitos da Pesquisa

Através dos contatos realizados na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, a autora descobriu que as atividades culturais da Biblioteca Ramal 1 – Restinga são gerenciadas pela direção da biblioteca central e pela bibliotecária que

atua na biblioteca ramal. Assim, ouviu os depoimentos da diretora da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães bem como da bibliotecária responsável pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga. Todavia, como o mandato da diretora encerrou-se em abril de 2004, obteve-se o contato com o atual diretor da biblioteca central.

Além delas, foram ouvidos sete usuários, identificados entre os que participaram de pelo menos uma atividade cultural promovida pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga, contemplando entre eles todas as faixas etárias (infantil, adolescente, adulto e terceira idade) atingidas pelas atividades de ação cultural que vêm sendo realizadas pela instituição.

4.3 Instrumentos de Coleta dos Dados

Para entender a realidade da Biblioteca Ramal 1 – Restinga, foi solicitado à direção da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e à bibliotecária da Biblioteca Ramal 1 – Restinga a consulta à documentação sobre os projetos das atividades culturais executados pela biblioteca sucursal. Foram coletados os depoimentos dos sujeitos acima indicados a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturada, que permitiu a possibilidade de inclusão de novas questões no momento da coleta dos dados. Desse modo, os encontros permitiram a obtenção de informações sobre a ação cultural realizada pela instituição, numa forma de diálogo em que cada uma das partes teve a liberdade de expressar-se e confrontar as suas manifestações com a outra parte.

O roteiro de entrevista com a ex-diretora faz parte do Apêndice A, enquanto a do atual diretor integra no Apêndice B, a da atual bibliotecária no Apêndice C e, finalmente, o roteiro apresentados aos usuários, no Apêndice D.

As entrevistas foram previamente agendadas, sendo os depoimentos dos sujeitos coletados no local de trabalho e no contexto da biblioteca, no caso dos usuários. Os dados obtidos através dos depoimentos, a serem apresentados em capítulo específico a seguir, foram transcritos e conectados à teoria a um só tempo.

A metodologia utilizada permitiu que os objetivos da investigação fossem alcançados, revelando-se como um caminho coerente entre os objetivos e problemas da pesquisa, com a disponibilidade e interesse da pesquisadora e dos depoentes. Percebeu-se, no decorrer de todo o processo, o interesse e o envolvimento dos respondentes em relação ao trabalho. Após a defesa da monografia, os seus resultados serão imediatamente apresentados pessoalmente pela pesquisadora, e uma cópia de seu relatório entregue à instituição.

4.4 Análise e Apresentação dos Dados

Além da coleta dos materiais impressos sobre as atividades culturais realizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga, foram entrevistados os profissionais da área de Letras, Berenice Gonzales (Ex-Diretora da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães) e Baiard Brocker (Diretor da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães); a bibliotecária Marta Lemos Martins (Biblioteca Ramal 1 – Restinga) e

uma amostra de 7 usuários da Biblioteca Ramal 1 – Restinga. Todos os dados são confrontados com a teoria sobre bibliotecas públicas e ação cultural.

A descrição das atividades culturais realizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga, assim como o resultado das entrevistas, são apresentadas a seguir.

4.4.1 Atividades Culturais Realizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga

Desde a sua inauguração (novembro de 2001) até hoje, a Biblioteca Ramal 1 – Restinga oferece diversas opções de atividades culturais. Conforme o projeto de criação de bibliotecas ramais da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, todas as bibliotecas farão parte do Programa de Dinamização, voltada para a formação de leitores. Haverá programação que contemplem a escrita, a leitura, a arte de narrar e de ouvir histórias, como forma de resgatar a autenticidade das histórias orais e possibilitar a experiência sensível da arte literária. Como atividades a serem implantadas estão: oficinas (cursos) literárias, curso para contadores de histórias, concursos e exposição de textos.

As atividades culturais da Biblioteca Ramal 1 – Restinga que ocorreram entre novembro de 2001 a junho de 2004 estão assim descritas:

- a) Feira de Troca de Livros de Porto Alegre: evento realizado no Parque Farroupilha (onde ocorre a tradicional feira dominical conhecida como “Brique da Redenção”), cujo circo fica localizado em frente ao Monumento do Expedicionário. Já ocorreu 3 vezes (29/09/2002, 5/10/2003 e 25/04/2004 – em comemoração ao Dia

Internacional do Livro – 23/04), sempre aos domingos, das 10 h às 20 h. A realização é do Comitê Metropolitano do Pró-Ler (o Pró-Ler é um programa federal de incentivo à leitura), com o apoio da Secretaria Municipal da Cultura.

FIGURA 4 – Feira de Troca de Livros de Porto Alegre (2003)

A feira abriga parte do acervo de inúmeras bibliotecas que possuem interesse em trocar e até divulgá-lo à população. Entre as bibliotecas participantes (há uma prévia inscrição para participar do evento), estão a Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, Biblioteca Ramal 1 – Restinga e outras Unidades de Informação vinculadas à Prefeitura Municipal de Porto Alegre; bibliotecas públicas, comunitárias e universitárias de Porto Alegre e Grande Porto Alegre (na primeira edição participaram mais de 30

instituições). Abrigam geralmente duplicatas e obras descartadas de seus acervos.

O público alvo consiste em freqüentadores do Parque Farroupilha e do Brique da Redenção, e ainda pessoas ligadas ao livro e a Literatura. A população poderá selecionar os livros do seu acervo particular, que já foram lidos e trocar por outras obras ainda não lidas e/ou conhecidas. Consiste em uma troca do livro por outro livro, sem relações comerciais. O objetivo geral é a realização da troca de livros, com títulos repetidos das bibliotecas participantes da feira por outros títulos que ainda não dispõe no acervo, oportunizando a população o acesso à outras obras, ainda não lidas ou conhecidas, através de um simples escambo. São oferecidos livros de Literatura, livros didáticos, revistas e gibis.

Os objetivos específicos consistem em promover um evento cultural na área do livro, oportunizando um espaço de trocas de informações e discussão acerca da Literatura, incentivar o gosto pela leitura, promovendo o livro como uma necessidade cultural e de lazer e, finalmente, consagrar um espaço alternativo, onde o livro possa ter o seu valor estimativo cultural e não mercadológico, onde é possível dar um melhor aproveitamento, uma vez que uma obra permite muitas e muitas leituras e diferentes leitores. Partiu da necessidade de desenvolver e estimular uma mentalidade de valorização do livro, enquanto produto de transferência cultural.

A primeira edição contabilizou mais de 10 mil pessoas. As outras edições também foram bem sucedidas.

Além do acervo de livros das instituições participantes, a feira possui espaço para a exposição de projetos da Secretaria Municipal da Cultura em relação ao livro, Literatura e documentação histórica de Porto Alegre. Há ainda a exposição do “Poemas no Ônibus” e “Histórias de Trabalho”, publicações da Unidade Editorial e exposição da produção textual das oficinas descentralizadas da Coordenação do Livro e Literatura. Também é uma oportunidade que são aceitas doações para bibliotecas públicas.

A divulgação da feira foi feita em diversos meios de comunicação, como jornais de grande veiculação (Zero Hora, Correio do Povo, O Sul), comunitários (como A Redenção e do bairro Farroupilha) e oficial (Diário Oficial de Porto Alegre); noticiário de televisão (Programa Teledomingo, da RBS TV); além da Agenda Cultural da Secretaria Municipal de Cultura.

A feira traz benefícios mútuos entre a população de Porto Alegre e as bibliotecas, pois ambas recebem em troca títulos inéditos para complementar o seu acervo. É uma forma de incentivo à leitura, atendendo aos leitores de todas as faixas-etárias, independentemente da suas condições financeiras. Basta que tragam algum livro para se enriquecerem culturalmente, através da Literatura, principalmente;

- b) Feira de Troca de Livros na Restinga: evento que tem o mesmo objetivo da Feira de Troca de Livros de Porto Alegre, porém de alcance restrito à comunidade do bairro Restinga. Participa a Biblioteca Ramal 1 – Restinga e já teve como convidada a

Biblioteca da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (a que atinge o público infantil). Já houve 3 edições (em 2002 – época da semana comemorativa do bairro Restinga, em novembro, e duas em 2003 – 24/04/2003 e 19/11/2003, a última também na semana comemorativa). A Semana da Restinga é escolhida pela comunidade e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (geralmente na segunda semana do mês de novembro), onde ocorrem diversas atividades culturais, esportivas e de lazer ministradas pelos setores da Prefeitura. Desse modo, a Biblioteca Ramal 1- Restinga aproveita para realizar a feira. Na semana comemorativa, a feira é instalada na Esplanada da Restinga (praça próxima ao Centro Comunitário da Restinga). Em abril de 2003, foi instalada numa sala do CAR Restinga/Extremo Sul (a biblioteca suspendeu o atendimento nesse dia). Tanto a bibliotecária como as estagiárias auxiliaram no atendimento ao público, sendo que a primeira planejou e organizou a atividade, aprovada pela direção da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e pelas instâncias superiores. O horário de funcionamento é das 10 h às 16 h.

A divulgação foi feita no *folder* da Semana da Restinga, na rádio comunitária e nos cartazes espalhados nos órgãos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, entre outras formas.

A feira, de acordo com a bibliotecária, tem um efeito positivo, devido a grande participação da comunidade, em especial as crianças;

- c) Contação de Histórias (Hora do Conto): atividade que ocorre com maior frequência, promovida pela biblioteca. Aconteceu na sua

inauguração (22/11/2001) e em outras oportunidades. Já foi ministrada por voluntários e por profissionais contratados pela Secretaria Municipal da Cultura (mediante o pagamento de cachê). Utilizou-se uma sala de eventos do CAR Restinga/Extremo-Sul (capacidade em torno de 100 pessoas sentadas) e até o pátio do mesmo (ao ar livre).

FIGURA 5 – Contação de Histórias Realizada pela Biblioteca

Ramal 1 – Restinga

Fonte: DIÁRIO OFICIAL DE PORTO ALEGRE, 09 abr. 2002

Uma atividade que marcou muito no início da instituição foram as seis sessões de Hora do Conto ministradas por estudantes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a coordenação da Professora Martha Bonotto. Como o pré-requisito dos alunos da disciplina Sistemática da Leitura Infantil era realizar uma prática de incentivo à leitura ao público infantil, convidaram a biblioteca que, por sua vez, oportunizou aos seus usuários e crianças de escolas e creches comunitárias do bairro Restinga a participarem de uma contação de histórias. Aconteceram nos dias 16/04/2002, 23/04/2002 e 30/04/2002, cujas

sessões (duas por dia) ocorreram das 15 h às 15 h 30 min e das 15 h 30 min às 16 h. Estima-se a participação em torno de 150 crianças. Foi amplamente divulgado no jornal Zero Hora e no Diário Oficial de Porto Alegre, além dos cartazes nas escolas e no CAR Restinga/Extremo Sul.

Na mesma época (12/04/2002), aconteceu uma atividade de uma contação de poesias ministrada pelo poeta Mário Pirata. Durante 2 horas (10 h às 12 h), as crianças ficaram emocionadas e despertaram a sua imaginação na chamada Roda de Poesia. Paralela a isso, o poeta realizou brincadeiras culturais voltadas à Literatura, numa proposta mais pedagógica.

Em 2003, algumas pessoas da comunidade (mesmo sem ser especialistas em alguma área do conhecimento) mostraram iniciativa e boa vontade ao realizar contação de histórias para o público infantil. Uma delas utilizou vários recursos de encenação, caracterizou-se de palhaça e pintou as crianças. De certa forma, uniu o divertimento com o aprendizado.

Na Semana da Restinga, no dia 21/11/2003, ocorreram duas sessões de Hora do Conto (15 h às 16 h e 16 h às 17 h). Houve mais tempo para as crianças trabalharem com desenhos e outros recursos comuns e não apenas ouvir a história;

- d) Sarau Poético: atividade que abrange o público de todas as idades, em especial os adultos. A primeira experiência da biblioteca aconteceu em 26/05/2004. Fez parte da programação do Projeto Abrindo Espaço, coordenado pela Descentralização da Cultura, que

procurou mostrar algo sobre a produção cultural no bairro Restinga, no CAR Restinga/Extremo Sul. Houve exposições de pinturas de um artista plástico local, da maquete do Complexo Cultural Porto Seco e das fotografias dos desfiles do Carnaval 2004 de Porto Alegre; e ainda uma apresentação musical do grupo Samba Bom Nunca Morre. Essas ações não foram organizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga, somente o Sarau Poético.

Durante uma hora, o poeta Paulo Santos declamou poesias e cantou composições próprias ao som do violão. Em um ambiente intimista, encantou todas as faixas-etárias presentes. Após o evento, divulgou seu livro de poesias e fez doação de um exemplar para a Biblioteca Ramal 1 – Restinga;

- e) Recitação de Poesia na Rádio Comunitária da Restinga: houve uma oportunidade de divulgação dos serviços da biblioteca à comunidade por meio de um programa na rádio comunitária (Restinga FM 88.1 Mhz), em maio de 2002. Após a divulgação feita pela bibliotecária, a estudante Camila Souza (usuária assídua da biblioteca interessada por leitura, realiza Hora do Conto para seus familiares e até para seus bichos de estimação segundo uma matéria publicada na Zero Hora em 2002) e a poetisa Vanda Castro recitaram poesias retratando da importância do livro na vida de cada cidadão. Foi uma experiência interessante para quem pôde ouvir o programa;
- f) Oficinas de Estímulo à Leitura: houve uma experiência muito produtiva, numa ação da biblioteca em conjunto com a

Descentralização da Cultura, no CAR Restinga/Extremo-Sul. Entre 21/05/2002, 28/05/2002 e 04/06/2002 aconteceu o curso Era uma Vez na Restinga – Os Adultos e os Contos Infantis. Direcionado ao público adulto, teve como objetivo estimular o contato dos participantes com as crianças, por meio da contação de histórias e, com isso, contribuir para a elevação da auto-estima dos adultos, aproximando-os mais das crianças. Foi ministrado pelo escritor e psiquiatra Celso Gutfreind (contratado). Desse modo, além de formar contadores de histórias, ensinou a importância da leitura e da formação de leitores desde a infância, havendo espaço para relatos pessoais de experiências. Participaram 14 pessoas. Ao mesmo tempo (simultaneamente) ocorreu para as crianças a oficina Arte e Linguagem para Crianças. Foi ministrada pela especialista em Arte-Educação Tânia Valéria Tipa (contratada). A partir de histórias contadas pela professora, 25 crianças reproduziram seus sentimentos produzindo arte (desenho, modelagem, pintura, recortes). No último dia das duas oficinas, os adultos visitaram a sala das crianças e elas mostraram o que produziram. Após as oficinas, foram enviados aos participantes da oficina Era uma Vez na Restinga – Os Adultos e os Contos Infantis um questionário avaliativo da atividade.

Em novembro de 2002, ocorreu uma oficina de sensibilização à Literatura, onde os adultos escutaram fábulas de acordo com a sua faixa-etária e traduziram seus sentimentos em arte e em relato de

experiências. Foi ministrada pela psicóloga Kathy Esposito (contratada);

- g) Tema Livre: na Biblioteca Ramal 1 – Restinga, estão disponíveis gibis e revistas que contenham passatempos (caça-palavras, desenhos para colorir, colagens), que unem o lazer com o estímulo artístico e o raciocínio. A bibliotecária procura estimular as crianças nessas atividades, embora não influenciem ninguém. Ela deixa disponível lápis de cor, canetinhas coloridas e papel branco de rascunho. A maioria realiza desenhos, enfocando a realidade em que vivem (cultura do bairro Restinga, pedidos de paz), sentimentos (alegria, tristeza), personagens da Literatura Infantil e gibis (Patinho Feio, caturrita Acocóta, Pato Donald), datas comemorativas (Semana da Consciência Negra, Semana Farroupilha, Dia das Mães) e outros voltados ao gosto pelas artes (desenhos que imitam quadros, figuras abstratas, colagens). Também há ilustrações com poesias, pequenos contos e história em quadrinhos. Alguns trabalhos foram expostos na Biblioteca Ramal 1 – Restinga (atualmente, por falta de espaço, não se fez mais exposições de desenhos). Isso também estimula as crianças a lerem. A bibliotecária pede que os usuários preencham o nome e a idade. Já desenharam crianças e jovens de 3 a 16 anos. Todos os trabalhos são guardados. Pessoas interessadas em também divulgar suas poesias podem enviar seus trabalhos para a Biblioteca Ramal 1 – Restinga, que serão expostos no mural, assim como aqueles que desenharam em casa e queiram divulgar seus trabalhos.

FIGURA 6 – Poesia e Ilustração de Liege de Matos

FIGURA 7 – Desenho sobre Paz

FIGURA 8 – Ilustração sobre a Semana da Consciência Negra
por Marcos Pereira

FIGURA 9 – Desenho da Personagem Magali (Gibi) de Juliana
Dornelles

FIGURA 10 – Desenho de um Personagem da Literatura Infantil

por Rogério

FIGURA 11 – Criação de uma Mini-História em Quadrinhos por

Leonardo

4.4.2 Entrevista com Berenice Gonzales e Baiard Brocker

Berenice Gonzales atuou na direção da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães entre 2001 a abril de 2004. Implantou o projeto de instalação de bibliotecas ramais, atingindo aos bairros periféricos de Porto Alegre. Atualmente é coordenadora da Coordenação do Livro e da Literatura. Com a mudança de direção, em maio de 2004, a autora desta pesquisa considerou de fundamental importância a entrevista com o novo diretor, Baiard Brocker, para acompanhar as mudanças da instituição e por essa situação influenciar o trabalho da biblioteca ramal.

Sobre a questão da importância de uma biblioteca comunitária, ela foi feita com o propósito de verificar se a conheciam, verificando características e diferenças entre ela e uma biblioteca pública de bairro. Ambos concordam que ela é fundamental para a população periférica. Brocker afirma desta forma: “É um equipamento que permite o acesso à informação e que faz com que as pessoas se dêem conta que este equipamento existe, principalmente em periferias, onde dificilmente se encontra esse equipamento”. Gonzales alerta mais a importância do acesso ao livro aos locais longínquos do Centro de Porto Alegre e como um bem cultural caro que, disponível em uma biblioteca, as pessoas poderão ter acesso. Mas os profissionais acreditam que ainda devem ser realizadas atividades de sensibilização à leitura, provando que todas as pessoas são leitores em potencial e estimulando um hábito necessário para o aprendizado. Dessa forma, Brocker e Gonzales respondem à questão em conformidade com a literatura da área, apesar de não exemplificar a Biblioteca Ramal 1 – Restinga como biblioteca pública de bairro, pelo fato de a sua administração ser feita por um órgão público.

Quanto à questão “No que, para você consiste em ação cultural?”, Gonzales exemplifica as atividades realizadas pela Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, como Brincando com as Palavras e Feira de Troca de Livros de Porto Alegre. Acredita que seja sinônimo de política cultural e explica que a Secretaria Municipal da Cultura realiza políticas culturais voltadas para a sensibilização de uma determinada arte, baseando nos interesses da comunidade através da consulta popular nas reuniões sobre Cultura do Orçamento Participativo de Porto Alegre. Embora não seria propriamente sinônimo de política cultural (decisão governamental, por assim dizer), acerta com o propósito da ação cultural: “São maneiras de trabalhar e difundir a cultura”. Brocker afirma que pode-se conhecer melhor o conteúdo dos livros e as pessoas ficarem mais motivadas para a leitura. “Sempre remetendo ao acervo que a biblioteca possui”, complementa. Percebe-se que o aspecto do enriquecimento cultural, característica de uma ação cultural foi mencionada. Mesmo que esse termo seja por vezes desconhecido para certos profissionais, possuíam uma idéia correta do seu significado.

Sobre as impressões da Biblioteca Ramal 1 – Restinga, Baiard afirma que visitou-a poucas vezes e afirma que o bairro Restinga carece de um espaço cultural permanente, mas que a biblioteca, sendo permanente, já é uma grande conquista para o local. Na sua opinião, pelo fato de a comunidade ficar muito tempo sem esse equipamento, ainda está se acostumando a ele, faltando mais integração dela com a instituição. Antes de assumir a direção da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães atuou como coordenador da Coordenação do Livro e da Literatura e como ativista cultural (agente cultural) na área de Literatura do Projeto de Descentralização da Cultura de Porto Alegre.

O objetivo para a realização das atividades em geral é a formação de leitores, através de ações de sensibilização da leitura. Provavelmente, pelo fato de a Biblioteca Ramal 1 – Restinga estar apoiada na Coordenação do Livro e da Literatura e na Descentralização (área do Livro e da Literatura), apenas trabalham com a temática da Literatura. Na verdade, a ação cultural permite o trabalho de inúmeras temáticas, porém a instituição realiza uma réplica do que acontece na biblioteca central, talvez por questões de política cultural. Mesmo assim é possível integrar outras áreas das Artes trabalhadas na Descentralização (Teatro, Dança, Música, Capoeira e outros) nessas ações.

O planejamento e a organização das atividades é de responsabilidade da direção da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e da bibliotecária da Biblioteca Ramal 1 – Restinga. Qualquer atividade que a bibliotecária queira implantar (sugerida ou não pela comunidade) deve ser aprovada pela direção, que por sua vez deverá consultar a Coordenação do Livro e da Literatura e a Descentralização da Cultura se há disponibilidade de recursos financeiros para a contratação de oficinairos e materiais a serem utilizados. Com a aprovação, a bibliotecária é encarregada da divulgação, inscrição (das oficinas) e organização do espaço físico. Gonzales esclarece que o dinheiro público deve ser muito bem aproveitado e contemplar o maior número de pessoas, através da otimização dos gastos, sem desconsiderar a qualidade do evento. Desse modo, segundo a Ex-Diretora, a bibliotecária atua como ativista cultural (agente cultural) do bairro Restinga, realizando essas ações. Sobre a questão dos voluntários, Baiard e Berenice defendem que todo o trabalho deve ser remunerado e que dificilmente esse trabalho funciona, pois muitos desistem depois de um certo tempo. Como auxiliar no atendimento e no monitoramento das atividades é possível alguma

pessoa da comunidade atuar. Assim, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre não possui um Programa Voluntariado que permite contrato.

Quanto à questão do bibliotecário como agente cultural, Berenice opina que, hoje, o bibliotecário está “pegando emprestado” a questão das atividades de incentivo à leitura da área de Letras. Reconhece a questão da interdisciplinaridade das áreas do conhecimento como algo positivo, mesmo defendendo que o especialista que desenvolve as atividades ainda é o profissional de Letras. “É possível ele monitorar e organizar as ações, embora não seja o mais comum”, afirma. Ela valoriza o trabalho de Processamento Técnico da biblioteca, embora argumenta que o bibliotecário deveria ser um bom leitor, lendo mais obras na íntegra e não se deter apenas em atribuir o assunto da obra. “Os cursos de Biblioteconomia deveriam formar profissionais preparados para atuarem como agentes culturais, o que não ocorre, infelizmente”. Baiard conhece as ações realizadas por bibliotecárias que atuam em bibliotecas públicas e escolares e valoriza seus trabalhos, embora tenha a mesma opinião de Berenice de que o “especialista do conteúdo dos livros continua sendo o profissional de Letras”. Sugere que o bibliotecário trabalhe com atividades que ajudem os usuários a acessar os itens da instituição e até conhecerem partes do livro. Apesar de as bibliotecárias da biblioteca central não atuarem na ação cultural (trabalham em Processamento Técnico), pelo menos a instituição oportuniza o trabalho a esse profissional que também é preparado para gerenciar qualquer serviço em uma Unidade de Informação.

Baiard atuou como ativista cultural, organizando as atividades da Coordenação do Livro e Literatura “Poemas nos Ônibus” e “Histórias de Trabalho”. Auxiliou na Biblioteca Ramal 1 – Restinga, no agendamento da Hora do Conto com os alunos da Professora Martha Bonotto e da Roda de Poesia, com o escritor Mário

Pirata, entre outras atividades. Além disso, sua formação possui Mestrado e Pós-Graduação na área de Promoção da Leitura, além de ter sido professor da área de Letras durante 25 anos.

Como ministrantes das atividades podem ser tanto profissionais especialistas em diversas áreas do conhecimento contratados pela Secretaria Municipal da Cultura como voluntários da comunidade (especialistas ou não). A bibliotecária não atua como monitora de atividades. A divulgação das atividades da biblioteca é feita principalmente através do jornal comunitário, rádio comunitária, cartazes, nos avisos das reuniões do Orçamento Participativo, entre outros meios.

As atividades da Biblioteca Ramal 1 – Restinga atingem todas as faixas etárias, segundo Gonzales. Com exceção da Hora do Conto e de algumas oficinas, voltadas exclusivamente ao público infantil, as outras atividades atingem ao público adolescente, adulto e terceira idade. A ex-diretora afirma que trabalha-se mais com as crianças pelo fato de que é um público predominante na Biblioteca Ramal 1 – Restinga e que o retorno na prática de leitura é muito maior do que a de um adolescente e adulto - nessas faixas etárias é mais difícil de se trabalhar porque o ser humano já formou um hábito, e se não lê, provavelmente irá continuar não lendo. Pelo que se percebe através das atividades culturais realizadas, falta mais atividades direcionadas ao público jovem em especial. Para isso é importante conhecer as necessidades desse público e integrá-los na biblioteca, mesmo que nessa idade surjam conflitos e comportamentos estranhos para ele. Por atingir a todas as idades, a biblioteca pública deve estar atenta a isso.

A comunidade poderá sugerir atividades conversando diretamente com a bibliotecária ou registrar em um papel e depositar na “Caixa de Sugestões”. Às

vezes, a própria bibliotecária consulta os usuários quando vêm fazer pesquisa ou retirar livros na biblioteca.

Em relação às dificuldades enfrentadas pela instituição em relação à execução das atividades culturais, Gonzales afirma que o espaço físico disponível para as atividades é pequeno demais. Além disso, deve-se agendar as salas com muita antecedência, pois há oficinas do DMLU ocorrendo (não é um espaço “da biblioteca” infelizmente) nas salas aproveitadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga. Brocker afirma que falta recursos financeiros adequados para a realização de oficinas (contratar profissionais, fornecer materiais). “Nós, profissionais, trabalhamos com outros projetos, ficamos sobrecarregados muitas vezes e falta tempo de entrar em contato com o oficineiro e entregar o projeto à Secretaria Municipal da Cultura às pressas”. O atual diretor aponta um fato importante: as atividades culturais acontecem de forma muito esporádica, o que não deveria. Explica-se:

Na verdade, a biblioteca é um espaço cultural e não um depósito de livros. Os gestores públicos não pensam nesse espaço como geradora de atividades culturais. Aí tem o problema de a comunidade não se vincular às atividades. A atividade de leitura precisa integrar a comunidade à biblioteca. É importante a continuidade para que os usuários se programem, se habituem, entendam melhor essas propostas. Não pode ser pego de surpresa: você precisa estar predisposto a atuar numa atividade cultural.

Sobre a gestão de atividades culturais da Biblioteca Ramal 1 – Restinga, Baiard afirma que seguirá a mesma linha de atuação de sua antecessora, continuando com as atividades já ministradas (Feira de Troca de Livros na Restinga, Hora do Conto e outras). Gonzales terminou a sua gestão e atribuiu ao sucessor a realização das atividades culturais já realizadas, sem um projeto de uma ação

diferente. Baiard intenciona estender os projetos centralizados Poemas no Ônibus e Histórias de Trabalho à Restinga, já que dificilmente essa comunidade consegue comparecer à biblioteca central. Afirma que ainda conversará com a bibliotecária sobre essas questões.

Quanto à participação da comunidade nas atividades, Gonzales afirma que é muito boa. “Eles encaram como se fosse o aniversário de algum filho deles”. Mesmo tendo poucas vagas, a comunidade em geral se interessa em saber quando haverá outra edição. Pela característica participativa da comunidade, entendem que o evento é deles (“e não como na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, onde a maioria da população pensa que é algo da Prefeitura, desmerecendo o convite”).

Dessa forma, cumprem a política estabelecida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre de se trabalhar com a comunidade. Ainda é o começo da história da Biblioteca Ramal 1 – Restinga. Como instituição voltada à cultura, está cumprindo o seu papel, apesar da necessidade de desenvolver mais atividades culturais diferenciadas para qualquer público, mantendo a qualidade de todas elas.

4.4.3 Entrevista com Marta Lemos Martins

A bibliotecária Marta Lemos Martins atua há mais de uma década na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães. Com a inauguração da biblioteca ramal, decidiu por vontade própria assumir a coordenação de seus serviços. Ainda atua no projeto de extensão da biblioteca central “Caixas-Estantes”. Na Biblioteca

Ramal 1 – Restinga, atua no Processamento Técnico, Referência (orientação à pesquisa e empréstimo de livros e revistas), organização de recortes de assuntos de utilidade pública e Gestão dos Serviços de Informação, além da atividade de agente cultural.

Para Martins, a biblioteca comunitária é fundamental para formar o hábito de leitura, estímulo ao lazer e a busca por informação. Afirma que existem poucas bibliotecas escolares no bairro Restinga, o que torna necessário uma biblioteca que atenda às necessidades de informação dos estudantes e ainda da comunidade em geral. Dessa forma, caracteriza a biblioteca comunitária de forma semelhante a de uma biblioteca pública, mesmo não tipificando a Biblioteca Ramal 1 – Restinga.

Em relação à ação cultural, afirma que, aplicado em uma biblioteca, seriam as atividades extras diferente do tradicional Serviço de Referência, que fornecem informação aos participantes. “Estimula as pessoas a freqüentarem a biblioteca”, afirma. Exemplifica: Sarau Poético, Hora do Conto, Feira de Livros e outros. Destacou-se o aspecto dinamizador de uma ação cultural em relação a uma biblioteca.

Marta acredita que, para trabalhar como agente cultural, pode ser qualquer profissional que goste de organizar eventos. Assim, o bibliotecário pode atuar como agente cultural. Reconhece o trabalho de diversos profissionais da informação que atuam como agentes culturais em bibliotecas públicas, escolares e comunitárias, pelo que já estudou na literatura biblioteconômica. Não consegue mencionar o nome de algum profissional em especial, bem sucedido nessa atividade.

Quanto ao atendimento das necessidades de informação da comunidade, a bibliotecária relata que, apesar da quantidade de material (2.000 volumes) e de alguns livros didáticos desatualizados, consegue atender a comunidade utilizando o acervo. Não experimentou ainda realizar estudo de usuários, apenas coleta os dados sobre os assuntos mais consultados e com maior demanda de empréstimo, e conversa com os usuários sobre as necessidades de informação. Questionada da realização de estudo de comunidade para a implantação da biblioteca ramal, afirma que isso não foi feito, mas “pelo menos foi dada oportunidade de a comunidade se manifestar através das reuniões temáticas de Cultura do Orçamento Participativo”. Comprova-se que esses estudos são raros de serem realizados de uma forma científica, porém necessários para o bom funcionamento de uma instituição.

Para melhorar a atuação da biblioteca na comunidade, Marta gostaria que o acervo fosse mais atualizado (“infelizmente vivemos de doação”) e que o espaço físico da biblioteca fosse maior para comportar mais pessoas e aumentar o conforto para aqueles que estão sentados (“percebe como aqui você quase não consegue se mexer, de tão apertado”). Ainda está lutando por maior divulgação da biblioteca e espaço físico maior de salas destinadas às atividades culturais. Reconhece que o aumento de sócios da biblioteca foi significativo dentro do pouco tempo de existência da biblioteca (aproximadamente 320 sócios).

Embora não tenha comunicado ao diretor ainda, a bibliotecária está planejando uma oficina de estímulo à leitura, onde as crianças produziram objetos através de sucata, após ouvirem histórias. Seria ministrado por uma voluntária que já trabalhou com a Hora do Conto na Biblioteca Ramal 1 – Restinga. Acontecerá em julho ou agosto de 2004 (dependendo do agendamento prévio das salas do CAR

Restinga/Extremo Sul). De uma certa forma, beneficia a comunidade mais carente que não pode comprar material de arte, trazendo materiais que possuem em casa.

4.4.4 Entrevista com Usuários da Biblioteca Ramal 1 – Restinga

Entre os usuários que participaram pelo menos de uma atividade cultural, foram selecionados uma amostra de 7 pessoas. Mantendo absoluto sigilo de identificação por nome, serão denominadas, para efeito desse relatório em: usuário A, usuário B, usuário C, usuário D, usuário E, usuário F e usuário G. Todos foram entrevistados na biblioteca. Devido ao caráter esporádico da maioria das atividades, muitas pessoas que freqüentam a biblioteca não participaram das atividades (ou se participaram, não recordam), dificultando a seleção da amostra.

A identificação dos usuários está assim estabelecida:

Usuário A: 10 anos, sexo feminino;

Usuário B: 14 anos, sexo feminino;

Usuário C: 10 anos, sexo feminino;

Usuário D: 51 anos, sexo feminino;

Usuário E: 68 anos, sexo masculino;

Usuário F: 26 anos, sexo feminino;

Usuário G: 14 anos, sexo masculino.

Percebe-se que os jovens entre 15 a 21 anos dificilmente participaram das atividades culturais. Assim, teve de se restringir ao público pré-adolescente, adulto e terceira idade.

Quanto à frequência à Biblioteca Ramal 1 – Restinga, os usuários A, B, C, D e G responderam “semanal” (“Eu venho muito por causa das tarefas da escola”, afirma o usuário B). O usuário E, por ter tido problemas de saúde ultimamente, tem ido muito esporadicamente à biblioteca, mas está retornando “agora posso sair de casa e encontrar aqueles livros maravilhosos da biblioteca e ler”. O usuário F traz mensalmente a irmã e seu filho de 5 anos na biblioteca (“Eles adoram a biblioteca e eu também. É um local muito interessante”).

Em relação à questão “O que você faz quando vai à Biblioteca Ramal 1 – Restinga?”, todos apontaram a leitura de livros, revistas e jornais e a participação em atividades culturais. Os usuários A, B, E e G apontaram ainda a realização de pesquisa (escolar, de curiosidade pessoal). “Encontramos livros que auxiliam nas tarefas da escola que não têm na biblioteca da escola”, argumenta o usuário B. Retirar livros foi a opção dos usuários D (“É que gosto de ler também em casa”), F e G.

Em relação à participação em atividades culturais, apenas o usuário A participou da Hora do Conto. Os usuários A, B, C, F e G participaram da Feira de Troca de Livros, ocorrida em novembro de 2003 (Semana da Restinga). O usuário D compareceu no Sarau Poético realizado pelo poeta Paulo Santos, em 26/05/2004. O usuário E frequentou a oficina de contação de histórias para adultos “Era uma Vez na Restinga: os Adultos e os Contos Infantis” e o usuário G, da oficina paralela “Arte e Literatura para Crianças”. O Tema Livre (produção de desenhos e histórias) foi apontado pelos usuários A e G.

Sobre o comentário das experiências o usuário A se limitou a afirmar que “foi muito legal a feira, levei minhas amigas e troquei livros muito interessantes”. O usuário B gostou da diversidade de obras de diversos autores “muitos trabalhados

na minha escola, assim espero melhorar no Português”. O usuário C não destacou nenhum momento em especial. O usuário D se emocionou com a recitação de poesias (“foi muito bonito, até as músicas foram emocionantes, deu vontade de aprender a cantá-las”). O usuário E apreciou muito a oficina em que participou (“mesmo eu, que não sou professor, gostei muito e quero praticar o que aprendi. Foi a bibliotecária Marta que incentivou-me a participar, mostrando a importância dos livros. O professor Celso (oficineiro) emocionou a turma com os contos”). O usuário F afirma que seu filho gostou dos gibis que foram trocados (“acho que foi ele quem mais gostou da feira. Mesmo assim é legal, pois assim a gente se habitua a ler e não perde tempo assistindo televisão. Foi bem movimentada, deu para se divertir”). O usuário G gostou da oficina “Arte e Literatura para Crianças” (“aprendi a desenvolver trabalhos com arte, embora prefiro mesmo desenhar. Costumo desenhar na biblioteca – até a Marta elogiou meus desenhos e até alguns já foram expostos”). Afirma que desenha personagens de gibis, como a Turma da Mônica e personagens da Disney (Pateta, Pato Donald), criando uma versão nova (“e não apenas desenhando por cima do gibi como muitos fazem”).

Na questão “Qual é o significado de biblioteca em sua vida?”, todos os usuários apontaram “espaço para aprender”. “Aprendo muito com a leitura e acho que todos aprendem mesmo”, comenta o usuário F. O usuário D afirma que as atividades culturais permitem que as pessoas aprendam algo em relação aos objetivos das mesmas (“sempre estou renovando meus conhecimentos, vale a pena de qualquer modo”). Apesar de uma biblioteca comunitária apresentar meios de lazer, somente o usuário G mencionou “espaço para se divertir”, pois considera o hábito de leitura e o desenho como diversão e descontração. O espaço para a formação de novas amizades foi citada pelos usuários B (“já conheci pessoas da

minha idade que adoram ler e converso com elas”) e F (“fiz grande amizade com o pessoal da biblioteca”), e o espaço para desenvolver o senso crítico e a criatividade (característica de qualquer ação cultural) foi apontada pelos usuários B, E e G (“por causa da leitura e a criação de desenhos, principalmente”).

Todos concordam que as atividades culturais não precisam sofrer modificações (“Pelo que pude perceber, todas elas são de alta qualidade”, segundo o usuário E). Reforçam que gostariam de participar mais e procuram estar atentos na divulgação das mesmas, observando os cartazes da biblioteca ou perguntando para a bibliotecária (“ela é muito prestativa para nós, sempre atende com alegria”, comenta o usuário E).

Quanto às sugestões de atividades, antes de tudo, todos gostariam de que os espaços para as ações fossem maiores. O usuário G comenta:

É por falta de espaço que as oficinas e até mesmo a Hora do Conto não permitem a participação de muita gente. Pena que quando acabam as vagas das oficinas não pode entrar mais ninguém. Aí devemos esperar outra.

Entre os que apontaram sugestões, o usuário A gostaria de que as professoras da escola onde estuda pudessem contar histórias nessa biblioteca. O usuário E gostaria que a biblioteca oferecesse curso de dança nativa do Rio Grande do Sul e grupos de terceira idade (assuntos diversos, como artesanato, clube de leitura e outros). Ele afirma que, como frequenta muito o Centro Comunitário da Restinga, poderia a biblioteca oferecer outras opções de atividades parecidas com a do CECORES (“lá tem aulas de ginástica e caminhadas para a terceira idade”). O

usuário G, por gostar de desenhar, gostaria de fazer cursos de desenho direcionados aos personagens infantis, montando história em quadrinhos (“o atelier do CAR tem espaço, não custa eles oferecerem um espaço para a biblioteca, já sugeri isso para a Marta, estou aguardando”).

Desse modo, pode-se conhecer os interesses de uma amostra de usuários em relação aos serviços e atividades culturais oferecidas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As bibliotecas públicas de bairro consistem em um espaço cultural de fundamental importância para as comunidades periféricas de bairro/vila. São nessas instituições que as pessoas enriquecem o saber e a cultura, através dos serviços de informação e atividades culturais. Mesmo que o bairro/vila não possua bibliotecas escolares bem equipadas ou até outros espaços culturais (teatro, curso de Artes Plásticas e outros), o que é comum, as bibliotecas devem satisfazer as necessidades de informação dos usuários e servir como um local que permite tanto o lazer como o aprendizado. Além dos serviços tradicionais, verificou-se, por meio desse trabalho, a possibilidade do equipamento cultural trazer atividades culturais altamente benéficas para todas as faixas etárias, dinamizando o ambiente.

A ação cultural, forma mais abrangente de se trabalhar com as atividades culturais, permite a mudança significativa dos sujeitos (usuários, monitores e agente cultural), na forma de pensar, expressar e disseminar a sua cultura. Aplicada às bibliotecas públicas e comunitárias, os profissionais da informação trabalham com a questão da interdisciplinaridade de sua área de atuação, integrando conhecimentos da área de Humanidades para trabalhar como agente cultural e como monitor. Ainda é necessário que ele esteja esclarecido e preparado profissionalmente para atuar nessa área, realizando cursos e se relacionando com outros profissionais de outras áreas do conhecimento de forma agradável. A rivalidade entre as profissões que atuam em ação cultural é algo desnecessário e puramente infantil, pois todos têm condições de trabalhar nessa área. É o caso da Hora do Conto, atividade trabalhada tradicionalmente com

profissionais da área de Letras e que ultimamente os bibliotecários adaptaram para as bibliotecas, sendo que até alguns atuam como contadores de histórias. Todos aprendem uns com os outros. Existem poucos bibliotecários atuando na função de agentes culturais no Brasil, sendo a maioria vinculado às bibliotecas públicas de grande porte.

A instituição não terá utilidade nenhuma para a comunidade se o bibliotecário não conhecer as necessidades e interesses da mesma. O profissional deve interagir com as pessoas, incentivá-las a participar das atividades culturais e explicar a importância da instituição como um meio para melhorar o modo de vida delas. Mesmo havendo formas de estudo científicas (Estudo de Comunidade e Estudo de Usuários), são raros aqueles que fazem, ainda que não obrigatórias. Isso pode ser fruto da formação do profissional, que ainda não está preparado para exercer essa tarefa. Mais uma vez, há problemas na qualificação do bibliotecário. Ainda assim, o que importa mais é a interação do profissional na comunidade, tornando a biblioteca pública útil, agradável, descontraída e confortável para os que frequentam.

O contexto da Biblioteca Ramal 1 – Restinga, vinculada à Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães (Prefeitura Municipal de Porto Alegre) em relação ao referencial teórico traz aspectos interessantes. Apesar do reduzido espaço físico, ela se preocupa com a questão cultural de seu bairro (Restinga). Realiza atividades culturais em locais cedidos no CAR Restinga/Extremo-Sul, fazendo mais do que o possível com a comunidade, já que essa conta com monitores voluntários para ministrarem oficinas. Por falta de verba pública, atualmente tem realizado mais atividades com voluntários do que com outros profissionais que exigem cachê por serviço prestado. Com a atuação de uma

bibliotecária como agente cultural e a supervisão geral da direção da biblioteca central, composto por um profissional da área de Letras, já realizou diversas atividades culturais.

As atividades, de acordo com a ex-diretora da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, estão voltadas para o incentivo à leitura e com trabalhos voltados para a área de Literatura. Embora ela seja uma temática importante, não deveria ser a única a ser trabalhada na Biblioteca Ramal 1 – Restinga e inclusive na biblioteca central. Temas como Saúde, História, Ciências Exatas e outras seriam necessárias no bairro Restinga, pois, de acordo com as entrevistas com os usuários, muitos buscam a complementação dos seus estudos na escola através da biblioteca, o que poderiam enriquecê-los de informações valiosas. A política cultural da Prefeitura Municipal de Porto Alegre está voltada para a questão da Literatura pura, principalmente porque como a BPMJG está subordinada à Coordenação do Livro e da Literatura (setor que influencia na aprovação dos projetos da biblioteca) e gerenciada por um profissional da área de Letras, prefere se restringir a isso. A ação cultural é ampla e costuma ultrapassar os limites dessa temática. A Descentralização da Cultura possui agentes culturais de diversas áreas (História, Artes), o que não impede de realizar ações conjuntas com a Biblioteca Ramal 1 – Restinga (até já fizeram). Sugere-se maior integração com outros profissionais da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, ampliando as possibilidades.

Verifica-se que uma pequena parte da comunidade do bairro Restinga, embora ainda não seja muito esclarecida do ponto de vista educacional e cultural, tem interesse em participar das atividades culturais propostas por essa biblioteca. Entendem que isso estimula a leitura, considerando esse hábito prazeroso. Falta

maior empenho de divulgação e conscientização da comunidade em relação à ação cultural oferecida. Apesar disso, é valioso o empenho que a bibliotecária faz em relação à comunidade da Restinga, louvável na profissão de bibliotecário, pois a mesma conversa muito com eles e observa os interesses através das reuniões temáticas de Cultura do Orçamento Participativo. Ainda com a crítica aos objetivos que norteiam as atividades, realmente atingem ao estímulo à leitura, através da Hora do Conto, Oficinas de Estímulo à Leitura, Sarau Poético, Feira de Troca de Livros e Tema Livre, ações que enfocam plenamente essa questão.

Todas as experiências da Biblioteca Ramal 1 – Restinga realmente atingem aos propósitos de ação cultural, pois atua na transformação da comunidade. Os usuários utilizam o poder da criação e da criatividade através de desenhos, obras de arte; despertam a sensibilidade, a imaginação e a concentração através da contação de histórias, saraus poéticos; e são esclarecidos do ponto de vista informacional através da participação da feira de troca de livros. Os monitores e o agente cultural aprendem com os usuários, trocando experiências. Todos são beneficiados, pois as atividades são planejadas de acordo com a preferência da comunidade e ninguém se sente “dono” da atividade. Todas as ações exigem a elaboração de projetos, aprovados pela BPMJG e pela Secretaria Municipal da Cultura, se depender de verba pública.

As atividades realizadas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga ocorrem de forma muito esporádica. Essa crítica foi feita pelo atual diretor da biblioteca central, defendendo que a comunidade da Restinga precisa se acostumar e entender o propósito das ações. Ele pretende modificar essa situação, conversando com a bibliotecária Marta sobre o planejamento das futuras atividades culturais da biblioteca. Alegou também a questão da falta de tempo e de verba pública, que,

sendo justificável, não impede que faça o mínimo possível para integrar a comunidade carente do bairro Restinga em ações. Basta ter criatividade para otimizar os recursos disponíveis.

A bibliotecária Marta afirmou que qualquer atividade é possível de se trabalhar na Biblioteca Ramal 1 – Restinga (“até oficina de *Hip-Hop* que os garotos gostam pensei em colocar”). Mesmo com boa vontade, ela é obrigada a seguir a “política cultural” da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O bairro tem algumas opções culturais, mas a biblioteca poderia tornar um local com grande diversidade de ações.

Refletindo sobre a realidade da instituição, existem alternativas de atividades culturais para ela. A Oficina de Desenho, sugerida por um usuário, é uma forma possível, pois existem professores da área de Artes que ministram aulas no atelier do CAR Restinga/Extremo Sul e o mesmo pode ceder um espaço para isso facilmente. Atenderiam crianças, jovens e/ou até adultos que gostem de desenhar personagens da Literatura, personalidades das Ciências e outras possibilidades. Alia a questão do incentivo à leitura com a Arte.

Exposições de produção cultural da comunidade do bairro Restinga, bem como obras do acervo da biblioteca no período de datas comemorativas, é uma opção econômica e interessante. Existe um espaço para isso no CAR Restinga/Extremo Sul, já que a biblioteca é muito pequena para isso. A maior dificuldade seria o agendamento desse espaço com o centro administrativo.

A formação de um clube de leitura é uma alternativa interessante, pois todos os interessados formam amizades, discutem sobre os temas lidos, incentivando a pesquisa e a leitura. Poderia trabalhar com cada faixa etária. Os membros só teriam de escolher um local para as reuniões.

A Literatura Oral com os idosos seria uma ótima opção, principalmente por relembrar fatos históricos do bairro. Embora a Prefeitura Municipal de Porto Alegre tenha produzido um livro sobre a memória dos bairros, incluindo a Restinga, através da ação Memória dos Bairros, isso enriqueceria muito a comunidade, pois muitos residem no bairro sem conhecer a sua história.

O projeto Brincando com as Palavras pode ser adaptado para essa biblioteca. Integra a apresentação teatral das crianças, encontro com o escritor da história representada e a leitura prévia da mesma. O palco poderia ser improvisado em algum local do bairro, já que a comunidade não possui teatro. Ele é altamente enriquecedor para o público infantil.

Oficina de Redação para os jovens do Ensino Médio que estão preparando para o Concurso Vestibular e de escrita (poesias, contos, crônicas, narrativas) são temáticas voltadas para a Literatura fundamentais para uma comunidade periférica, tanto do ponto de vista educacional como cultural. Sabe-se o quão deficiente as escolas públicas preparam os alunos para o Terceiro Grau. A segunda beneficiaria a todas as idades, sendo que existe na biblioteca central e não foi implantada ainda na biblioteca ramal.

A última sugestão seria as palestras com temáticas abrangentes e de interesse à comunidade do bairro Restinga. No auditório do centro administrativo, há espaço para isso. Poderiam trazer pessoas da comunidade para conversarem sobre um assunto que tenham domínio. Transmitir informações é necessário.

As demais atividades não sofreriam modificações, por atenderem realmente os seus objetivos. Diversificando as atividades e realizando de modo mais freqüente, com certeza a comunidade estaria mais integrada com a biblioteca. Mas ainda é uma questão de tempo, já que a biblioteca é muito nova (surgiu em

novembro de 2001) e ainda está conquistando novos usuários e lutando por melhores condições.

Em 2004, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre escolheu como o ano do Livro e da Literatura, voltada para a política de leitura e de acesso ao livro. Serão realizadas ações de natureza cultural e literária. Haverá atividades da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães como a Feira de Troca de Livros e o Projeto Brincando com as Palavras e da Coordenação do Livro e da Literatura como o Concurso Poemas nos Ônibus e Histórias de Trabalho, dentre outros. Assim, a biblioteca ramal estará nesse contexto, mesmo participando apenas da feira. O que se espera é a promessa pela continuidade das ações já realizadas e novidades.

A ação cultural é uma possibilidade numa biblioteca, que não subestima os tradicionais serviços de informação. Ela só tem a acrescentar, pois biblioteca é cultura e a comunidade carente precisa disso ainda mais. Para encerrar, nada como a citação de Berenice Gonzales, baseada no compositor brasileiro Arnaldo Antunes: “a comunidade não quer só comida, quer comida, diversão e arte”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A Ação Cultural do Bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.20, n. 1/4, p. 31-38, jan./dez. 1987.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Alternativas**. Londrina: UEL, 1997. 171 p.

ANDERSON, Walfred A.; PARKER, Frederick B. **Uma Introdução à Sociologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. 751 p. (Biblioteca de ciências sociais).

ANTUNES, Walda de Andrade; CAVALCANTE, Gildete de Albuquerque. **Manual de Treinamento de Pessoal Responsável por Biblioteca Pública**. [Brasília, DF?]: Instituto Nacional do Livro; São Paulo: FEBAB, 1989. 171 p.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Introdução à Sociologia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1981. 436 p.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Coordenadoria do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. **Biblioteca Pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro, 2000. 160 p. (Documentos técnicos, 6).

CARVALHO, Carlos M. Delgado de. **Práticas de Sociologia**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939. 234 p.

CHAUÍ, Marilena et al. **Política Cultural**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 78 p. (Série tempo de pensar).

COELHO NETO, José Teixeira. **Usos da Cultura**: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 124 p. (Coleção educação e comunicação; v. 16).

_____. **O Que é Ação Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 94 p. (Primeiros passos, 216).

CONSORTE, Josildeth Gomes. Os Estudos de Comunidade no Brasil: uma viagem no tempo. In: FALEIROS, Maria Izabel Leme; CRESPO, Regina Aida (Org.). **Humanismo e Compromisso**: ensaios sobre Octávio Ianni. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. P. 51-68.

COSTA, Maria de Fátima Oliveira; ANDRADE, Ivone Bastos Bomfim. Necessidade de Informação da Comunidade do Distrito de Taquara: uma experiência universitária. **Informação e Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 8, n. 1, f. 1-8, 1998. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>>. Acesso em: 25 out. 2003.

DALLA ZEN, Ana Maria; MILANESI, Luís Augusto (Or.). **A Voz dos Ausentes na Terra do Nunca**: a ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza. Tese de Doutorado – Área de Ciência da Informação e Documentação, Doutorado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002. 288 f.

DUCKWORTH, Ana Maria et al. Biblioteca Pública e Comunidade: prestação de serviço de utilidade pública. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários da Bahia, 1991. Vol. 2, p. 211-233.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca Pública é Biblioteca Escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.11, n. ½, p. 9-15, jan./jun. 1978.

FLUSSER, Victor. O Bibliotecário Animador: considerações sobre sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 230-236, set. 1982.

_____. A Biblioteca como Instrumento de Ação Cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 149 p. (O mundo, hoje; v. 10).

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GOMES, Sonia de Conti. Biblioteca e Sociedade: uma abordagem sociológica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 14-21, mar. 1982.

GONZALES, Berenice. Comida, Diversão e Arte: a necessidade das bibliotecas comunitárias. **Porto e Vírgula**, Porto Alegre, n. 46, p. 28-31, 2002.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 224 p.

HEINTZE, Ingeborg. **A Organização de uma Pequena Biblioteca Pública**. Rio de Janeiro: [s. n.], 1974. 86 p. (Documento, 17).

KOENIG, Samuel. **Elementos de Sociologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. 387 p.

LOPES, Luiz Roberto. **Cultura**: questões de conceito. Porto Alegre: [s.n.], 1998. 2 f. Polígrafo utilizado para a disciplina HUM03347 – Cultura Brasileira, atendida para estudantes universitários da UFRGS.

MAIA, Simone Peixoto; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Or.). **Proposta para Criação de Clubes de Leitura para o Público Infante-Juvenil**: um estudo teórico. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2002. 39 f.

MILANESI, Luís Augusto. Depoimentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. ¼, p. 95-104, jan./dez. 1987.

_____. **A Casa de Invenção**: biblioteca centro de cultura. 3. ed. rev. e ampl. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997. 189 p.

_____. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. 116 p.

NUNES, Marion Kruse. **Restinga**. 2. ed. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997. 23 p. (Memória dos bairros).

NUNES, Vanessa Borges; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Or.). **A Hora do Conto como Mecanismo de Incentivo à Leitura**: as dinâmicas e recursos da biblioteca

escolar. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2002. 37 f.

OLIVEIRA, Débora Costa; DALLA ZEN, Ana Maria (Or.). **Ação Cultural em Bibliotecas Escolares da Rede Pública de Porto Alegre**: uma aproximação com práticas, teorias e perspectivas locais. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2002. 62 f.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal da Cultura. Coordenação do Livro e Literatura. **Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães**. Porto Alegre: [s. n.], 2001. 1 folder.

_____. Secretaria Municipal da Cultura. Coordenação do Livro e Literatura. **Projeto de Implantação de Bibliotecas Ramais da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães**. Porto Alegre: [s. n.], 2002. 5 f.

_____. Secretaria Municipal da Cultura. Coordenação do Livro e Literatura. **Programação da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães – 2002**. Porto Alegre: [s. n.], 2002. 4 f.

_____. **Bairro Restinga**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em: 14 abr. 2004.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. **Ecós**, Pelotas, v. 5, n. 2, p.127-144, jul./dez. 2001.

ROMANELLI, Maria de Lourdes Côrtes. Ativação Cultural em Bibliotecas Públicas e Escolares-Comunitárias. In: ENCONTRO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES, 4., 1982, João Pessoa. **Bibliotecas Públicas e Escolares**. Brasília, DF: ABDF, 1982. P. 9-32.

SCHARDONG, Sedi Ziebert; STUMPF, Ida Regina Chitto (Or.). **Estudo do Município de Crissiumal e de sua Comunidade**: subsídios para a biblioteca pública. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2004. 116 f.

SILVA, Terezinha Elizabeth da. Ação Cultural com Idosos através da Literatura Oral. In: TENTATIVAS DE AÇÃO CULTURAL COMO PRÁTICA DISCENTE. **Informação e Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 1, n. 1, f. 5, 1991. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>>. Acesso em: 25 out. 2003.

SPERRY, Suzana. Animação Cultural em Bibliotecas: quando? como? onde? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. ¼, p. 13-30, jan./dez. 1987.

SPONHOLZ, Regina Maria Lamas Pegoraro. **Atribuições de Bibliotecários em Bibliotecas Públicas**. São Paulo: Pioneira, 1984. 66 p. (Pioneira manuais de estudo).

STUMPF, Ida Regina Chitto. Estudo de Comunidade Visando à Criação de Bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 3, p. 17-24, jan./dez. 1988.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca Pública e Informação à Comunidade**. São Paulo: Global, 1995. 112 p.

_____. A Biblioteca Pública no Contexto da Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**: la búsqueda de significados. Barcelona: Paidós, 1996. 343 p. (Paidós básica, 37).

TSUPAL, Rodolfo. Leitura e Atividades Culturais na Biblioteca Pública: aspectos teóricos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 15, n. 2, p. 149-165, jul./dez. 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Biblioteconomia**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 23 p.

VILA NOVA, Sebastião. O Singular e o Universal nos Estudos de Comunidade. In: FALEIROS, Maria Izabel Leme; CRESPO, Regina Aida (Org.). **Humanismo e compromisso**: ensaios sobre Octávio Ianni. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. P. 69-77.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com a Ex-Diretora da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães

1. Para você, qual é a importância de uma biblioteca comunitária?
2. No que para você consiste ação cultural?
3. Relate detalhadamente cada atividade cultural realizada na Biblioteca Ramal 1 – Restinga.
4. Qual o objetivo para a realização de cada atividade?
5. Quem atua no planejamento e organização das atividades culturais? Há a participação de algum bibliotecário? Há voluntários da comunidade auxiliando?
6. O que você pensa sobre a atuação do bibliotecário como agente cultural, baseado na sua experiência profissional?
7. Quais são as pessoas que ministram as atividades (exemplo: bibliotecário – contador de histórias)? Há a participação da comunidade do bairro Restinga de forma voluntária?
8. Como é feita a divulgação das atividades culturais da Biblioteca Ramal 1 – Restinga?
9. Existem atividades para todas as faixas-etárias? Exemplifique.
10. A comunidade pode sugerir atividades? Em caso positivo, de que forma?
11. Quais as dificuldades enfrentadas pela instituição em relação à execução das atividades? Comente-as.
12. Existe algum projeto cultural voltado para a Biblioteca Ramal 1 – Restinga a ser implantado? Quais são os seus objetivos?

13. Como você avalia a participação da comunidade do bairro Restinga nas atividades realizadas (excelente, muito boa, boa, regular, ruim)? Justifique.

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com o Diretor da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães

1. Para você, qual é a importância de uma biblioteca comunitária?
2. No que para você consiste ação cultural?
3. Comente algo que conhece sobre a Biblioteca Ramal 1 – Restinga.
4. O que você pensa sobre a atuação do bibliotecário como agente cultural, baseado na sua experiência profissional?
5. Comente algo sobre a sua experiência como ativista cultural (agente cultural) da área de Literatura da Descentralização da Cultura, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.
6. Tendo assumido a direção da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães há pouco tempo, como pretende atuar no gerenciamento das atividades culturais da Biblioteca Ramal 1 – Restinga? Há algum projeto específico de atividades para essa biblioteca que gostaria de implantar? Comente.

**APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com a Bibliotecária da
Biblioteca Ramal 1 – Restinga**

1. Qual a sua área de atuação na instituição (Processamento Técnico, Referência)?
2. Na sua opinião, qual a importância de uma biblioteca comunitária?
3. No que, para você, consiste ação cultural?
4. Na sua opinião, o bibliotecário está habilitado para atuar como agente cultural? Dê exemplos de profissionais que, para você, conseguem realizar atividades culturais com sucesso.
5. Como você avalia, até o momento, os serviços de informação prestados à comunidade do bairro Restinga, baseando-se principalmente no atendimento de sua necessidade de informação?
6. Para você, o que pode ser feito para melhorar a atuação da Biblioteca Ramal 1 – Restinga na comunidade?

**APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com os Usuários da
Biblioteca Ramal 1 – Restinga**

1. Faixa-Etária:

- Até 5 anos 18-23 anos 36-41 anos 54-59 anos
 6-11 anos 24-29 anos 42-47 anos 60 anos em diante
 12-17 anos 30-35 anos 48-53 anos

2. Sexo:

- Masculino Feminino

3. Qual a frequência com que você costuma vir à Biblioteca Ramal 1 – Restinga?

- Semanal Quinzenal Mensal Esporádica

4. O que você faz quando vai à Biblioteca Ramal 1 – Restinga:

- Lê (livros, revistas, jornais)
 Realiza pesquisa (escolar, de curiosidade pessoal)
 Retira livros e revistas
 Participa das atividades culturais

5. Em relação às atividades culturais, cite as que você participou ou participa:

- Feira de Troca de Livros da Biblioteca Ramal 1 – Restinga
 Feira de Troca de Livros realizado no Parque Farroupilha com a participação de diversas bibliotecas, como a já citada
 Hora do Conto
 Oficinas Literárias
 Sarau Poético
 Tema Livre (desenhos, criação de histórias, passatempos)

() Outras atividades. Quais? _____

6. Dentre as que você participou, comente a sua experiência em um momento que marcou você de qualquer atividade.

7. Qual é o significado de biblioteca em sua vida:

() Espaço para aprender

() Espaço para se divertir

() Espaço para a formação de novas amizades

() Espaço para desenvolver o senso crítico e a criatividade

() Outro: _____

8. Para você, vale a pena continuar a participar das atividades? Há algo que você não está satisfeito em relação a isso? Em caso positivo, comente.

9. Possui alguma sugestão de atividades culturais que poderiam ser oferecidas pela Biblioteca Ramal 1 – Restinga? Em caso positivo, cite-as.

ANEXO – Calendário Cultural

Calendário Cultural

Janeiro	Fevereiro
1 Confraternização Universal e Dia Mundial da Paz	2 Nossa Senhora dos Navegantes 16 Dia do Repórter
4 Nascimento de Casemiro de Abreu, poeta (1837)	18 a 23 Semana Nacional Contra o Álcool
5 Criação da 1ª Tipografia no Brasil	23 Dia do Boticário
6 Dia de Reis	27 Dia dos Idosos
7 Dia da Liberdade dos Cultos, Criação do Governo Geral do Brasil e Dia do Fico (1822)	
11 Nascimento de Oswald de Andrade (1890-1934)	
20 Nascimento de Euclides da Cunha (1866-1934)	
25 Criação dos Correios no Brasil e Dia do Carteiro	
30 Dia da Saudade e Dia da Paz e Não-Violência	

31 Dia Mundial da Solidariedade	
<p style="text-align: center;">Março</p> <p>3 Dia Nacional do Turismo</p> <p>5 Nascimento de Villa-Lobos (1887-1959)</p> <p>8 Dia Internacional da Mulher (1857)</p> <p>12 Dia do Bibliotecário</p> <p>14 Nascimento de Castro Alves (1847-1871) e Dia Nacional da Poesia</p> <p>19 Dia do Marceneiro e do Carpinteiro</p> <p>21 Dia Internacional contra a</p>	<p style="text-align: center;">Abril</p> <p>1 Dia da Abolição da Escravatura dos Índios (1680)</p> <p>Dia da Mentira</p> <p>2 Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil</p> <p>7 Dia Mundial da Saúde</p> <p>18 Dia Nacional do Livro Infantil e Nascimento de Monteiro Lobato (1882-</p>

<p>Discriminação Racial e Dia Nacional da Terra</p> <p>22 Dia Mundial da Água</p> <p>26 Dia Internacional do Teatro e Dia do Circo</p>	<p>1948)</p> <p>19 Dia do Índio</p> <p>21 Dia de Tiradentes</p> <p>22 Descobrimto do Brasil</p> <p>27 Dia da Empregada Doméstica</p> <p>28 Dia da Educação</p> <p>Mês de Comemoração da Páscoa</p>
Maio	Junho
<p>1 Dia do Trabalho</p> <p>3 Dia Internacional da Liberdade de Expressão</p> <p>5 Dia da Comunidade</p> <p>8 Dia da Vitória (2. Guerra Mundial), Dia da Paz e Dia do Artista Plástico</p> <p>12 Dia do Enfermeiro</p> <p>13 Dia da Abolição da Escravatura (1888) e Dia da Imprensa</p> <p>21 Dia da Língua Nacional</p> <p>24 Dia do Vestibulando</p> <p>31 Dia Mundial contra o Fumo</p> <p>2. Semana do Mês (Domingo): Dia das Mães</p>	<p>5 Dia Internacional da Ecologia e Dia Mundial do Meio Ambiente</p> <p>7 Dia Nacional da Liberdade de Imprensa</p> <p>10 Dia da Raça e Dia dos Alcoólicos Anônimos</p> <p>12 Dia dos Namorados</p> <p>13 Dia de Santo Antonio</p> <p>24 Dia de São João Batista</p> <p>26 Dia Internacional de Combate às Drogas</p>
Julho	Agosto
<p>1 Dia do Hospital</p> <p>2 Dia dos Bombeiros</p>	<p>1 Dia do Selo</p> <p>5 Dia do Carteiro, Dia Nacional da Saúde</p>

<p>3 Dia de Artur Azevedo e Dia de Carlos Gomes</p> <p>20 Dia Internacional do Amigo</p> <p>25 Dia do Escritor</p> <p>28 Dia do Agricultor</p> <p>Mês de Comemoração de Corpus Christi</p>	<p>e Dia de Oswaldo Cruz</p> <p>8 Dia do Patrimônio Histórico e Cultura Nacional</p> <p>10 Dia de Gonçalves Dias</p> <p>11 Dia do Estudante e Dia Nacional de Belas Artes</p> <p>22 Dia do Folclore</p> <p>24 Dia dos Artistas</p> <p>25 Dia do Exército Brasileiro</p> <p>2. Semana do Mês (Domingo): Dia das Pais</p>
<p style="text-align: center;">Setembro</p> <p>1 a 7 Semana da Pátria</p> <p>5 Dia da Amazônia</p> <p>7 Dia da Proclamação da Independência do Brasil</p> <p>10 Dia da Imprensa</p> <p>18 a 23 Semana da Comunidade</p> <p>21 Dia da Árvore</p> <p>23 a 30 Semana do Trânsito</p>	<p style="text-align: center;">Outubro</p> <p>4 a 10 Semana de Proteção aos Animais</p> <p>4 Dia da Natureza</p> <p>7 Dia do Compositor e Dia Internacional do Idoso</p> <p>12 Dia da Criança, Dia de Nossa Senhora Aparecida e Dia do Descobrimento da América</p> <p>13 Dia da Vida</p> <p>15 Dia do Professor</p> <p>18 Dia do Médico e Dia dos Símbolos Nacionais</p> <p>23 Dia de Santos Dumont</p> <p>23 a 29 Semana Nacional do Livro e da</p>

	Biblioteca 25 Dia da Democracia 28 Dia do Servidor Público 29 Dia Nacional do Livro
Novembro	Dezembro
1 Dia de Todos os Santos 2 Dia de Finados 4 Dia do Inventor 5 Dia do Cinema Brasileiro e Dia da Ciência e Cultura 12 a 18 Semana do Aleijadinho 14 Dia Nacional da Alfabetização 15 Proclamação da República 19 Dia da Bandeira 20 Dia de Zumbi dos Palmares 22 Dia da Música 23 Dia Internacional do Livro 25 Dia Internacional Contra a Violência à Mulher 28 Dia Mundial de Ação de Graças	1 Dia Mundial de Prevenção Contra AIDS e Dia do Imigrante 2 Dia Nacional do Samba 8 Dia da Família 10 Dia da Declaração Universal dos Direitos do Homem 25 Natal

Fonte: Brasil, 2000; Romanelli, 1982

Observação: Este calendário serve como sugestão para a orientação da atividade de exposições. As datas comemorativas estão sujeitas a modificações de acordo com a

região onde a biblioteca pública está inserida e conforme o tempo, podendo ser acrescentadas outras datas. Procurou-se preservar as comemorações mais tradicionais, seguindo a fonte de informação mais recente.